

CORNELIA FUNKE

Os
CAÇADORES
de
Fantasmas

Atrás
de uma
pista fria

Tradução: José Feres Sabino

Escarlate



Cornelia Funke

Os Caçadores de Fantasmas

Atrás de uma pista fria

Com ilustrações da autora

Tradução: José Feres Sabino

1ª edição

Escarlate

Para Stefan, Pascale e Marie





Um dia horrível
Zombaria e sarcasmo
Eva Cidreira
Rastros gosmentos na escuridão
Uma história terrível
Um problema grave
O livro dos fantasmas
Uivar e ranger de dentes
Um balde de terra de cemitério
Nada, a não ser aborrecimento
O casarão dos fantasmas
Batida de dentes, tremedeira de braços e pernas
O plano
Caça ao fantasma
A desforra
Relação de siglas do caçador de fantasmas
A autora



Todas as coisas começaram num daqueles dias estúpidos em que tudo só dá errado.

Quando, de manhã, Tom quis vestir a calça, sua querida irmã tinha dado um nó nas pernas da calça. Depois de cambalear sonolento até o banheiro, pôs o creme de rosto da mãe na escova de dentes. E, na cozinha, bateu a cabeça na porta aberta do armário. Só isso já bastaria pelo dia todo. E Tom ainda nem tinha tomado o café da manhã.

Mas dias assim ele tinha muitas vezes. Dias em que nada dá certo. Os outros pelo menos sempre tinham do que rir.

– Bom dia – disse a mãe.

– O que há de bom? – Tom resmungou.

Lola inclinou-se para trás com um sorriso irônico e o observou. Ela era a irmã mais velha de Tom, quase seis anos mais velha que ele e muito superior.

– Cuidado – disse ela. – Daqui a pouco vai acontecer algum desastre. Hoje é mais um dia daqueles.

Tom lançou para ela um olhar ameaçador – e derramou o leite com chocolate no suéter. Gargalhada estridente da irmã.

– Xii, Tom! – suspirou a mãe. – Vem, vem se trocar.

– Tom Trapalhão! – gritou a irmã atrás dele.

Sim, foi um daqueles dias.

E a coisa continuou na escola. Tom se empenhou para que todos tivessem um dia bastante divertido. Todos, menos ele. No caminho de volta para casa, ele pisou num cocô de cachorro;

distraído com seus pensamentos, trombou numa banca de jornais e decidiu que, em casa, iria imediatamente para a cama. Em dias assim, esse era o único lugar seguro no mundo.

Mas justamente quando ele quis ficar calado e quieto em seu quarto, algo aconteceu.

– Tom – disse a mãe –, vá pegar já duas garrafas de suco de laranja no porão.

No porão.

Sua mãe sabia bem que ele tinha um medo danado de lá de baixo. Só de pensar nas aranhas, já lhe dava um arrepio na espinha – isso sem falar do outro perigo oculto ali na escuridão.

– Preciso mesmo fazer isso? – perguntou.

– Não me venha de novo com suas histórias de fantasma! – disse a mãe, irritada. – Vai, fora daqui!

Coitadinho. Tom ainda não tinha dez anos. Suspirando, abriu a porta do apartamento.

No pequeno prédio em que Tom morava, cada apartamento tinha seu próprio porão. Tom, contudo, estava bem convicto de que seu porão era o mais escuro, o mais estranho, o mais infestado de aranhas. E sabia também por quê.

O zelador, Edgar Toronja, detestava crianças. E como Tom e Lola eram as únicas crianças do prédio, sua família acabou ficando com o porão mais assustador. É claro que foi isso!

Quando Tom parou diante da porta empoeirada, apertou os lábios e, determinado, ajeitou seus óculos. O corredor estreito e frio para onde as portas do porão davam era mal iluminado, e Tom sempre tinha dificuldade de encaixar a maldita chave na fechadura. Quando ele abriu a porta, ela fez um rangido horrível.

O negrume que cheirava a mofo bocejou para ele.

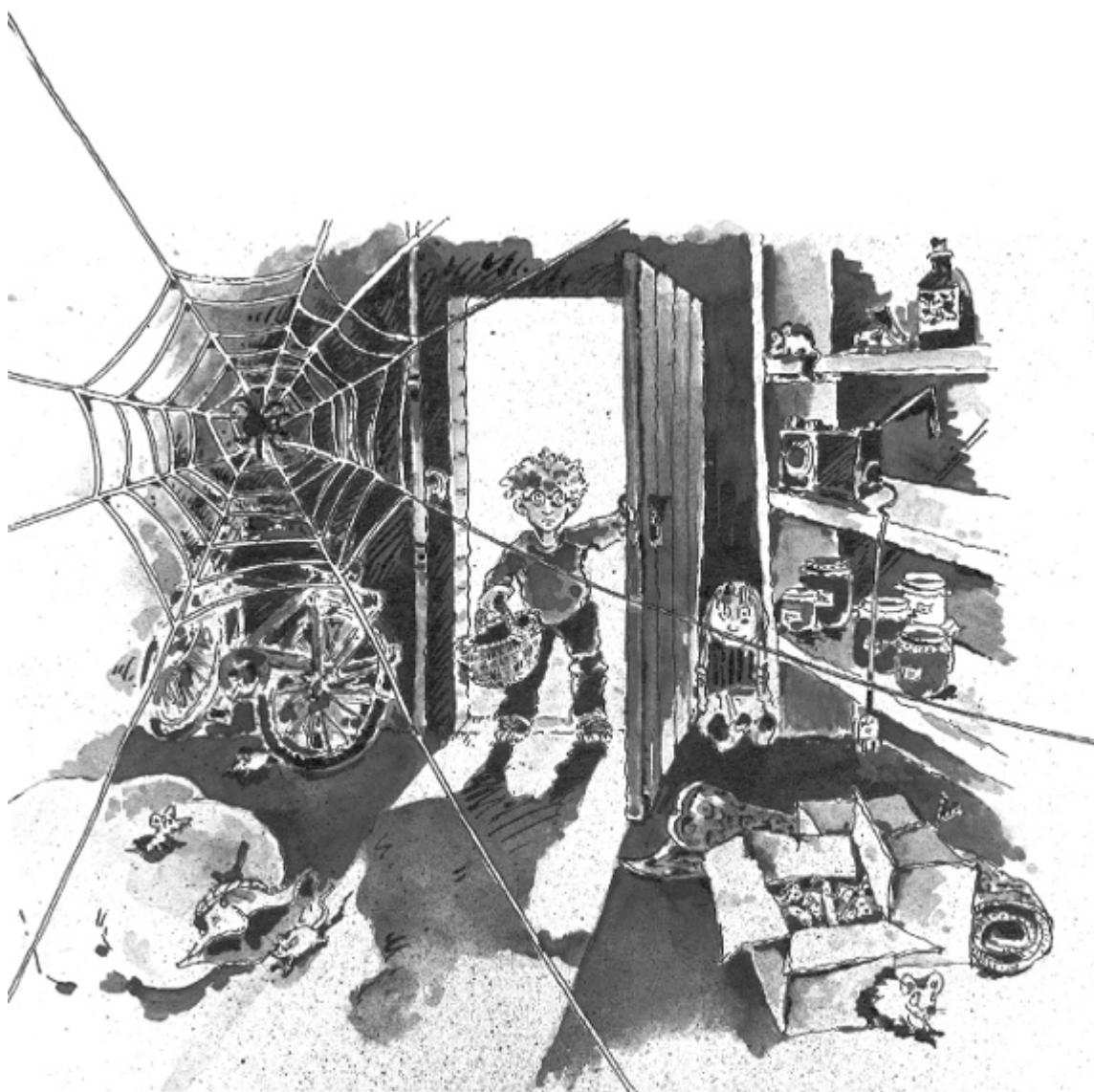
Corajoso, ele deu um passo para frente e tateou em direção ao interruptor de luz. Mas onde estava o interruptor? Era um interruptor de girar muito antigo, que fazia torcer o dedo. Ufa!

Ali estava ele. Tom o girou. Uma miserável e pequena lâmpada acendeu e – puff! – estourou em mil estilhaços.

Assustado, Tom tropeçou e caiu para trás, empurrando com o cotovelo a porta do porão. Trec!, ela se trancou. Tom ficou completamente sozinho naquele tenebroso porão.

“Bem calminho!”, ele pensou. “Fica tranquilo, rapaz. Foi só a porcaria da lâmpada que estourou.”

Mas desde quando as lâmpadas estouram sozinhas?



Tom percebeu que sua boca estava seca como lixa. Quis dar um passo para trás, mas seus sapatos estavam totalmente colados em alguma coisa. Ouviu a própria respiração e, em seguida, um rangido bem baixo, como se algo deslizesse sobre os jornais velhos que sua mãe havia empilhado em algum canto da escuridão.

– Socorro! – Tom murmurou. – Ei! Socorro!

– Aaaaaahuuuu! – ouviu um gemido. Uma respiração fria, mofada e fedorenta passou sobre seu rosto. E dedos gélidos agarraram seu pescoço.

– Suumaa! – Tom gritou e lutou como um selvagem. – Vai embora! Coisa nojenta!

Os dedos gélidos soltaram seu pescoço e seguiram em direção às orelhas dele. Alguma coisa branca brilhava na escuridão. Alguma coisa com os olhos verde-água, cabelos esvoaçantes e gargalhada sarcástica.

“Um fantasma”, pensou Tom, perplexo. “Um fantasma de verdade!”

– Uuuuuaaaaah! – urrou aquela coisa pavorosa.



Tom deu um arranque desesperado e tirou os pés dos sapatos colados. Cambaleou até a porta e, tremendo, tateou em busca do trinco. Aquele troço horroroso puxou os cabelos e o casaco dele e uivou bem dentro do seu ouvido. Com as últimas forças, Tom abriu a porta, e o fantasma recuou e gritou contrariado. Tom, quase morto de susto, saiu tropeçando pelo corredor.



De repente, tudo ficou quieto. Silêncio mortal.

Só as dobradiças da porta rangeram. Tom empurrou a porta e ela se trancou. Correu para a escada com os joelhos tremendo. Vamos! Vamos embora daqui!

Apesar de olhar sem parar à sua volta, ele nunca tinha alcançado o terceiro andar tão rápido assim. Ofegante, chegou à porta do apartamento e a esmurrou. Revoltada, a senhora Pernóstica olhou atravessado para ele lá de cima, debruçada no corrimão da escada. Ela, com sua cabeça pequena e pontiaguda, lembrava uma gralha.

– Como vão as coisas, Tom? – ela perguntou, reprovativa.

Tom ajustou seus óculos, alisou seu cabelo despenteado e a presenteou com um sorriso constrangido.

Em seguida, bateu na porta mais uma vez.

– O que é que deu em você? – perguntou, irritada, a mãe e, para grande decepção da senhora Pernóstica, puxou-o para dentro do apartamento. Exausto, Tom se apoiou na parede.

– Eu bem que disse! – ele proferiu. – Sempre disse e ninguém acreditou! – ele ainda conseguiu engolir um soluço.

– O que é que você sempre disse? – perguntou a mãe. – E onde você largou seus sapatos?

A porta do quarto de Lola se abriu.

– Opa! O que está acontecendo aí? – perguntou ela, e deu uma risadinha.

– Lá embaixo tem um fantasma! – sussurrou Tom. – Ele... ele tentou me esganar e...

O resto da fala se perdeu na estridente gargalhada de Lola.

– Um fantasma! Tom Trapalhão, você, cara, é um completo maluco!

Típico. Ele escapou da morte e o que ouviu? Nada, a não ser zombaria e sarcasmo.

– Deixa o menino em paz, Lola! – disse a mãe, e analisou Tom com o olhar fiscalizador que ele tanto detestava. – Então, o que aconteceu?

Tom olhou para suas meias. – Lá embaixo tem um fantasma!

– Lola – disse a mãe –, por favor, desça mais uma vez com Tom e mostre pra ele que lá embaixo não tem nada a não ser garrafas de suco e jornais velhos. E traga também os sapatos dele!

Tom a encarou apavorado. – Não desço lá de novo de jeito nenhum! Não sou louco!

Mas a mãe só abriu a porta.

Debochando, Lola agarrou a mão dele e o puxou atrás dela. – Venha! – disse ela. – Quero ver seu fantasma!

Tom sabia que qualquer resistência seria inútil, e foi atrás de Lola.

– Ele vai matar a gente – disse ele. – Você vai ver. Ele vai matar a gente.

– Sei – disse Lola, e deu mais uma risadinha.

Furioso, Tom apertou os lábios e se deixou deslizar escada abaixo.

Daí a pouco, estavam novamente diante da porta do porão.

– Ei, fantasma! – chamou Lola, e abriu a porta com um empurrão. – Agora ele acaba com você.

O porão estava completamente escuro e silencioso. Tom, com a respiração presa e atrás de Lola, espiava lá para dentro. Mas nada se mexia. Absolutamente nada. Nenhum “Uuuuu”, nenhum dedo gélido.

Assobiando, Lola deu alguns passos para dentro. – O que aconteceu com a porcaria da luz? – murmurou ela.

– A lâmpada estourou – falou baixinho Tom, que ainda estava no corredor. Lola sussurrou na escuridão.

– Eca! Mas o que é isso? – Tom a ouviu maldizer. – Tudo aqui está colando. O que é mesmo que você quer aqui embaixo?

– Duas garrafas de suco de laranja – murmurou Tom e, com cautela, deu um passo em direção à porta. Mas não havia sinal daquele troço branco com os olhos verde-água e a gargalhada horrível.

Ei, cara, de novo uma mancada!



– Aqui! – disse Lola, empurrando os sapatos para as mãos dele. As solas estavam cobertas por uma coisa prateada brilhante e viscosa.

– Gosma de fantasma! – cochichou Tom.

– Bobagem – disse Lola. – Provavelmente uma lesma gigante passou por aqui – ela deu uma risadinha e desapareceu mais uma vez na escuridão. – Onde costuma ficar o suco? – perguntou.

Tom não respondeu. Olhava fixamente a mão branca que surgia na escuridão e acenava para ele.

– Ali! – gritou ele. – Lola, cuidado!

Barulhos! Tinidos! O fantasma veio ao encontro de Lola. – Você, cara, tá maluco? – o fantasma xingou lá da escuridão, e, no momento seguinte, Lola estava furiosíssima diante de Tom com um gargalo de garrafa quebrado. – Mas isso você explica pra mamãe. Três garrafas, no mínimo, estão quebradas.

– Mas ele está ali de novo! – gritou Tom, desesperado. – Ali, ali...! – a mão tinha desaparecido.

– Você tá maluco! – disse Lola e, irritada, bateu a porta do porão. – Você está completamente maluco. Mas uma coisa eu digo: não vou limpar essa sujeira. Você limpa. Talvez seu fantasma possa te ajudar.

– Ele está ali! – berrou Tom. – Eu vi!

– Já sei, já sei! – disse Lola, e subiu a escada. – Você também alguma vez já viu um óvni que não era nada mais que uma porcaria de um avião. Ah!

– Isso quando eu ainda era pequeno! – berrou Tom, e ia tropicando atrás dela, tremendo de raiva.

– Você ainda continua pequeno – disse Lola, subindo de uma vez só dois degraus, com suas pernas longas e finas. – E, além do mais, é louco.

A mãe limpou a bagunça. Por causa dos cacos de vidro. – Senão, você vai acabar se cortando – disse ela. Depois, balançou a cabeça e suspirou.

O pai dizia: – O jovem tem muita imaginação.

E Lola contou para todo mundo que seu irmão era definitivamente um doido.

Mas Tom sabia o que tinha visto. Firme, recusou-se a passar perto do porão e esperou até o domingo, pois nesse dia a avó vinha para almoçar com eles. Ela escutava o neto com atenção, sem franzir a testa constantemente, como era hábito dos pais dele.

Mas até domingo faltavam ainda três dias e – principalmente – três noites. Durante o dia, Tom mal se atrevia a usar a escada e, de noite, só ficava ali e fitava a escuridão com o coração palpitando. Aquilo era comum nos fantasmas: não se sabe se eles virão pela parede ou pelo teto.

No domingo, Tom estava com olheiras e totalmente esgotado.

– Mas o que aconteceu com você? – perguntou a avó, assustada, quando o viu. – Você está doente?

– Nada disso, ele ficou maluco de novo – disse Lola. – Agora deu pra ver fantasmas!



A avó, pensativa, examinou Tom, pegou-o pela mão e o levou até o quarto dele.

– E então? – disse ela, e cruzou os braços curtos e gordos. – Meu amigo, desembucha. O que aconteceu?

E Tom contou sobre a lâmpada estourada, sobre os dedos gélidos e os olhos verde-água, sobre o “Uuuuuhuu” e a mão branca que acenava.

– Hã! – fez a avó quando ele terminou de contar. – Que coisa chata! Mas nisso não posso te ajudar.

– Não? Tudo bem – murmurou Tom, e ficou cabisbaixo.

– Mas – a avó mexeu os dedos no colar de pérolas, o que ela sempre fazia quando pensava – eu tenho uma amiga que é especialista em fantasmas. Vou anotar o endereço dela pra você.

Tom voltou a ter esperança.



Logo na segunda-feira, depois da escola, Tom se pôs a caminho. Já conhecia o endereço. Era a mesma rua onde morava aquele dentista, para o qual a mãe sempre o arrastava. Ainda bem que desta vez não era nada.

A amiga da avó morava num prédio estreito e escuro, com quatro campainhas na porta. O nome dela ficava ao lado do botão mais alto: Eva Cidreira.

“Tomara que ela não seja tão esquisita quanto seu nome”, pensou Tom, enquanto tocava a campainha. Demorou um bom tempo até que alguém atendesse. Ao subir a escada escura, teve uma horrível e desagradável sensação no estômago.

Eva Cidreira estava em pé junto à porta aberta do apartamento e, enquanto Tom subia as escadas, respirando alto e com dificuldade, ergueu, pasma, as sobancelhas. Ela não parecia nem um pouco a avó de Tom. Era bem magricela e muito grande, tinha um nariz longo e pontiagudo e uma porção de cachos brancos na cabeça.

– Um jovem! – disse ela, com voz grave. – Pois bem, o que traz você aqui?

– Eu, hum... – Tom subiu o último degrau e, acanhado, ajeitou seus óculos. – Bem, meu nome é Tom e minha avó me mandou aqui.

– Ah, sua avó. E quem é ela, se me permite a pergunta?

– Ah sim! Ah! Então. A senhora Anna Uvaespim, ela me pediu que eu lhe mandasse lembranças e disse também que talvez a

senhora pudesse me ajudar. Eu... hum-hum... só que eu não posso pagar muito.

– Ora, jovem, vamos deixar isso pra lá – disse Eva Cidreira, e levou Tom para o apartamento.

– Para o neto da minha melhor amiga meus serviços são evidentemente de graça!

– Antes, vou preparar um chá – disse a senhora, depois de conduzir Tom para seu apartamento. – Você toma chá com ou sem limão?

– Com – respondeu Tom, e não ousou dizer que não bebia chá de jeito nenhum.

Enquanto a senhora Cidreira preparava ruidosamente as coisas na cozinha, Tom olhou ao redor. Mas que residência esquisita! Tinha espelho pendurado em todo lugar – até mesmo a mesa era espelhada. As duas poltronas e o sofá tinham uma forma tão estranha que não se sabia exatamente como se deveria sentar neles. O lustre sobre a cabeça de Tom parecia uma estrela. E tudo era vermelho: o tapete, as cortinas, o papel de parede, os móveis. Tudo vermelho. A única coisa normal era uma estante de livros.

– O chá! – anunciou Eva Cidreira, e pôs um bule na mesa de espelho, que era achatada como um óvni. A caneca que ela passou para Tom era vermelha. Ele pôs quatro colheradas de açúcar. Na verdade, o chá não era tão ruim assim, mas o vapor deixou os óculos de Tom completamente embaçados. Depois do segundo gole, ele estava cego como uma toupeira.

– E agora? – perguntou Eva Cidreira. – Jovem, para que você necessita de minha ajuda?

Tom limpou às pressas os óculos e os arrumou novamente no nariz.

– No nosso porão – ele viu pela mesa de espelho que estava corado – ... no nosso porão, tem um fantasma!

– Ah – disse sua anfitriã. – Posso te perguntar de que tipo se trata?



– De... de que tipo? – Tom gaguejou.

– Ora, existem muitos fantasmas diferentes – disse Eva Cidreira. – Como ele é exatamente?

Pasmo, Tom a fitou durante um momento.

– Bem, ele, de certo modo, era branco – disse, enfim. – E tinha dedos gélidos e olhos verde-água e... e uma gargalhada medonha!

– Qual era o tamanho dele? – perguntou Eva Cidreira.

– Razoavelmente grande – disse Tom. – Ele quase batia no teto do porão!

– Ora, até que não é muito grande, não – afirmou a senhora Cidreira. – Tem fantasmas que podem atingir facilmente o tamanho de uma casa. Você percebeu algo pegajoso no chão?

Tom fez que sim com a cabeça. – Meus sapatos ficaram colados – disse ele. O fato de haver fantasmas grandes como uma casa o deixou bastante inquieto.

– Você conseguiu tirá-los do chão?

– O quê?

– Seus sapatos.

– Ah, não. Mas minha irmã os pegou.

– Hum! – pensativa, Eva Cidreira dedilhou o nariz pontiagudo. – Uma última pergunta. O que o fantasma fez exatamente?

– Ele me puxou com força – disse Tom. Ao se lembrar, ele voltou imediatamente a ficar arrepiado. – Tentou me esganar com os dedos gélidos e deu uivos aterradores!

– Sei, não há mais dúvida, jovem – disse Eva Cidreira, enquanto colocava mais um pouco de chá para Tom. – Em seu porão, há um FMP. Um Fantasma Medianamente Pavoroso. Dos males, o menor, a gente poderia dizer. Rotina para Eva Cidreira.

– Quer dizer que a senhora pode expulsá-lo? – perguntou Tom. Uma onda de alívio jorrou de seu coração desesperado.

– Não, não, eu não! – disse a senhora, tirando um grosso livro vermelho da estante. – Você mesmo irá expulsá-lo, meu jovem. Com minha ajuda.

A resposta não o deixou sossegado. – Como se deve fazer isso?
– perguntou ele.

– Ora, é bem simples – a senhora Cidreira folheou o grosso livro, procurando algo. – Ah, aqui está: *A Expulsão de um FMP*. Preste bem atenção, meu jovem! Eu vou ler pra você...



Tom sentou em sua cama e roeu as unhas.

Olhou para o despertador pela nongentésima nonagésima nona vez. Dez para as onze.

Às onze em ponto, ele tinha de estar no porão. Uma hora antes da meia-noite. Nessa hora, os FMPs estão mais fracos, tinha lhe dito a senhora Cidreira.

O equipamento de expulsão de fantasmas de Tom estava ali no tapete, diante dele. “Por que exatamente eu tenho de expulsar este fantasma chinfrim?”, pensou ele, irritado. “Por que ele não esganou a Lola?”. Mas de nada adiantava se queixar agora. O fantasma tinha de ir embora – ou Tom nunca mais pregaria os olhos à noite.

Suspirando, Tom tirou seus óculos e, mais uma vez, limpou-os cuidadosamente. Seguindo o conselho da senhora Cidreira, ele deveria vestir somente roupas vermelhas. Isso não foi nada fácil. Do pai, tinha afanado o casaco vermelho de lã e, de Lola, as meias.

Cinco para as onze. Tom socou a garrafa térmica branca debaixo da camiseta. Que diacho, mas que apetrechos feios! Ainda bem que sua mãe não tinha visto como ele ficou estufado com tudo aquilo, senão certamente acharia que ele estava bem doente.

“O calor espanta os FMPs de modo inequívoco e confiável”, tinha dito a senhora Cidreira.

“Assim espero”, pensou Tom. “Esta coisa é bastante chata.”

Depois, ele enfiou um par de sapatos reserva atrás do cinto e pendurou em volta do pescoço o espelho redondo da mãe. Os últimos detalhes foram borrifar nele mesmo, de cima a baixo, o perfume preferido de Lola, e colocar o gravador debaixo do braço.

“Música é uma arma maravilhosa contra os fantasminhas”, a senhora Cidreira assegurava. “É claro que deve ser a música certa. Eu, particularmente, sempre recomendo Mozart – para que nada saia errado com os FMPs.”

Para isso, Tom já tinha conseguido o Mozart de seus pais. Faltava só o ovo cru. Tom deslizou-o com muito cuidado pelo bolso do casaco.

“Lanterna, de jeito nenhum, meu jovem!”, alertava a senhora Cidreira. Lanternas deixam os fantasmas totalmente selvagens e loucos. “Mas você mesmo vai constatar – na luz se vê muito bem que um fantasma transpira muito.”



Pois bem. Tom teria se sentido melhor se tivesse optado pela lanterna, mas de que adiantaria? Conferindo o equipamento, mais uma vez deu uma olhada para si. “Puxa, tomara que ninguém me veja assim”, pensou. Depois, socou ainda dois travesseiros debaixo da coberta da cama para parecer que ele estava deitado ali, desligou a luz e abriu a porta do quarto.

Eram exatamente onze horas.

Ninguém o viu. Também, como poderiam? Lola certamente estava deitada na cama com seu rádio e ouvia música romântica. E mamãe e papai estavam sentados assistindo à tevê.

Nada se mexia na escada. Por precaução, Tom decidiu não acender a luz do corredor. Senão possivelmente a senhora Pernóstica viria atrás dele para bisbilhotar. Em todo caso, a luz do poste da rua que entrava pela janela do corredor era suficiente.

Sem fazer barulho, Tom andou furtivamente, passando pelo apartamento da senhorita Gordura Gordurosa, pelo da família Bassê e pelo do senhor Rinaldini. Atrás de cada porta, era possível ouvir o barulho abafado da televisão. “Típico”, Tom pensou. “Eu vou salvar o prédio de um fantasma terrível, e eles todos lá sentados, tranquilos, assistindo à tevê.” Tom bufou e ficou em pé, rígido.

Ali, apenas alguns degraus mais para baixo, dançava alguma coisa reluzente, bolorenta e verde diante da porta do zelador Toranja.

O fantasma do porão. Sem dúvida.

Apesar da garrafa térmica, Tom ficou arrepiado. Um faiscante rastro gosmento ia da escada escura até o capacho de Toranja. O capacho estava com tanta gosma que parecia um pirulito cuspidor.

“Eu vou devagarinho novamente lá pra cima”, pensou Tom. “Pode ser que o idiota do Toranja se irrite com a Coisa! Mas o mais importante é que o fantasma saia de nosso porão.” Mas naquele exato momento – quando ele estava pronto pra se virar –, viu o fantasma vindo em sua direção.

O fantasma arregalou os olhos verde-água, cresceu pelo menos um metro e estendeu os dedos gélidos para Tom.

Tom tremeu tão forte que o casaco de lã do pai chegou a escorregar de seus ombros. “Já era”, pensou e fechou os olhos. “Já era.”

Mas os dedos gélidos não o agarraram. Em vez disso, um gemido suave soou pela escada do prédio. Tom abriu um olho com cuidado. O fantasma olhou fixamente no espelho na frente de seu peito, gemeu ainda uma vez e flutuou às pressas escada abaixo.

Os dentes de Tom pararam de bater momentaneamente. A Coisa monstruosa voava! Voou passando diante dele! Um a zero, e um viva para a senhora Cidreira! Uma coragem de leão se esparramou no coração disparado de Tom. Certo de sua vitória, ele saiu correndo, passou diante da porta do Toranja e desceu a escada. O espelho bateu em seu queixo, os sapatos de reserva escaparam do cinto, a garrafa térmica quase escorregou de seu casaco e ele teve de desviar constantemente daquela droga de rastro gosmento. Mas nada podia detê-lo. Mais um lance de escadas e chegou ao porão.

Uivando, o fantasma saiu voando diante dele pelo corredor longo e desértico, passando próximo à porta do porão de Edgar Toranja, próximo à do porão da senhora Pernóstica e próximo à do porão da senhorita Gordura Gordurosa. Então, de repente, ele virou, expeliu um uivo furioso e desapareceu. Através da porta, rumo ao porão de Tom.

Tom parou, respirando com dificuldade. – Isso não vai adiantar nada! – gritou e, com os dedos tremendo, abriu a porta.

Ligou então o gravador, aumentou o volume bem alto e precipitou-se para o porão, acompanhado da ameaçadora orquestra.

– Aaaaauuuu! – berrou o fantasma e, bamboleando, retrocedeu para o canto mais recuado. Tom ligou a nova lâmpada instalada. Paff! Novamente, ela se estilhaçou em mil pedaços.

“Não foi nada”, pensou Tom. “Logo eu pego ele.”

– Eca! – o fantasma enjoou e ficou azul. Certamente, efeito do perfume de Lola. Tom tateou um pouco mais para dentro do porão escuro. Aí a pilha do gravador acabou. Tom, bastante desesperado, também sacudiu o aparelho, e a Coisa não deu mais nenhum pio. Desagradável. Muito desagradável!

Imediatamente, o fantasma se inflou até atingir o teto. – Uuuuaa-haha-haha! – ele uivou, dilatou-se e cuspiu uma repugnante mancha amarela no espelho. Depois, flutuou na direção de Tom com uma gargalhada chinfrim.

“Retire-se”, Tom pensou e percebeu que ele estava de novo bem colado. Seus sapatos de reserva estavam lá em cima, na escada. Droga!

– Iiiiiieehaaaa! – ganiu o fantasma, estendeu os dedos gélidos para pegá-lo e, lamentando, retirou-se.

A garrafa térmica. Dois a zero para Eva Cidreira.

– Aha, é muito cedo para se alegrar, seu nojento! – gritou Tom, e tirou o ovo cru do bolso.

– Eu ainda tenho aqui mais uma coisa pra você!

Paaac!, ele atingiu o fantasma bem no meio do peito pálido.

– Aiiiiiii! – uivou o fantasma. Esfregou-se todo, feito louco, no ovo sujo. Depois começou a soluçar e encolheu.

– Suma de nosso porão! – gritou Tom. – E depressa!

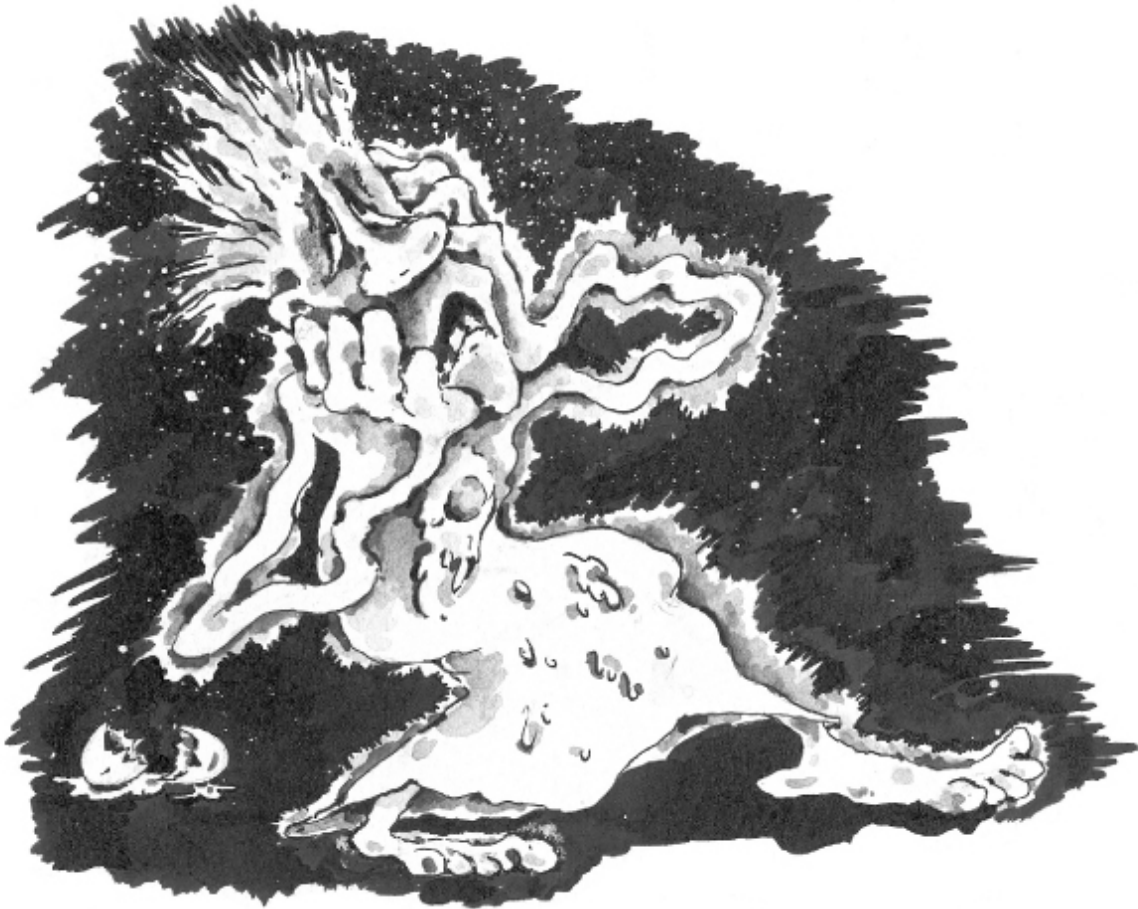
– Na-na-ni-na-não! – o fantasma choramingou e pressionou o dedo melecado de ovo diante do rosto dele. – Oooouuu, por favor, tenha pena desse cooitado!

Tom, boquiaberto, ajeitou os óculos.

– Euu nãoo sei para oonde iir! – uivou o fantasma, e revirou horripilantemente os olhos verde-água.

Eva Cidreira não havia dito nada sobre fantasmas chorões. Apalermado de espanto, Tom se sentou numa caixa de bebida. Era algum truque? Mas o fantasma já não parecia mais muito perigoso. Chegava até a brilhar, um pouco rosa.

– Faz muito tempo que você está esperando aqui?



– Quee naada! – o fantasma, irritado, choramingou. Por um momento, ele recobrou sua pavorosa cor de mofo. – Você aacha que é muitoo divertiidoo viiver neste poorão de terceeira claasse? Maas – ele voltou a soluçar –, o que me restaa?

– Como assim? – perguntou Tom. – Onde é que você morava antes?

– Não é da sua cooonta – disse o fantasma, e piscou como uma lâmpada quebrada. – Não, de jeito neenhum.

– Tudo bem, então suma! – disse Tom, irritado. – Ou então eu pego uma caixa de dez ovos.

– Maas que chantaagista! – choramingou o fantasma que, indignado, revirou os olhos. – Que vergooonha! Você tem um caráaater horriiivel. A históooria é triiiste demais para cooontá-la.

– Ei, vamos – disse Tom. Pouco a pouco, foi ficando curioso.

– Está bem – disse o fantasma, e se esfregou de novo no ovo. – Mas então eu possoo ficaaar aqui?

– Vamos ver – disse Tom. – Primeiro, você precisa me contar!

– Que vergooonha! – murmurou o fantasma mais uma vez. Mas daí ele acabou sentando numa pilha de jornais velhos e começou...



Uma história terrível

Tom entendeu o que o fantasma disse mais ou menos assim:

A verdadeira pátria do fantasma era um casarão antigo, na praia. Há mais de 500 anos, ele assombrava por ali. A casa era escura e úmida, tinha um pequeno eco no saguão e, ao longo de todos esses anos, moradores bastante amedrontados. Em poucas palavras: o fantasma tinha sido totalmente feliz – até a última sexta-feira...

– Eraa poucoo antes do amanheceer – relatou o fantasma, choramingando. – Eeu queria parar de assoombrar as pessooas e ir doormir, quando ele chegoou. Um fantasma terrível, abominável e malvado, oh, muito malvado! “Gossto de ssua cassa!”, ele uiwoou, me pegoou e me arrastooou para o telhado. Então, ele seguroou a respiração e me soproou dali, pra bem longe da minha caaasa! – soluçando, o fantasma se encolheu. Mas nenhuma lágrima saiu dos olhos verde-água, só um pouco de pó prateado.

O sopro do fantasma grande o fizera rodopiar até a rua de Tom. E como ali já estava tudo claro, ele procurou o prédio mais escuro e mais antigo e se enfiou no porão.

– Aqui tinha um cheiro bastante especial de aranhas e bicho-de-conta – soluçou o fantasma. – Maas agora – ele ergueu as mãos pálidas – ... agoora eu voou ser enxotado de novo. O que vaai ser de mim?

Tom tirou os óculos e os limpou. Fazia isso sempre que se sentia embaraçado e não sabia como agir. E estava com a consciência bastante pesada.

– Você tem nome? – perguntou ele. – Ou devo chamar você só de “fantasma”?

– Eu me chamo Huuhuugo – o fantasma falou, choramingando.

– Mas não é um nome tão estranho assim – disse Tom, e colocou os óculos de volta.

– E daí? Que culpa eu tenho do meu nome? – perguntou Hugo, ofendido. – Como voocê se chama?

– Tom.

– Ah, mas não é nada melhor! – disse Hugo, e começou a se lamentar novamente diante de Tom.

– Pode parar. Tenho uma ideia! – disse Tom. – Conheço uma senhora que é uma especialista muito boa em fantasmas. Ela também me aconselhou a te, ah... – ele ficou corado –, sim, então, aprendi com ela o que os fantasmas não gostam.

– Aha, ovo cru, por exemplo – disse Hugo, e adquiriu naquele momento sua aborrecida cor de mofo.

Embaraçado, Tom ajustou os óculos. – Pronto, pronto, tudo bem. O que quero dizer é que talvez essa senhora saiba como você pode expulsar o fantasma gigante da sua casa.

– Voocê acha mesmo? – falou, baixinho, Hugo. Excitado, bamboleava pra lá e pra cá. – Voocê acha mesmo?

– Amanhã eu pergunto pra ela – disse Tom. – E você fica quietinho aqui embaixo, combinado? Por causa dessas gosmas na escada, o Toranja já deve estar desconfiado!

– Paaah! – disse Hugo, e se jogou, ofendido, atrás da caixa de batatas.

Bocejando, Tom subiu as escadas do porão e, sem pressentir mais nada de ruim, abriu a porta do corredor do prédio.

– Aha, Tom Espertalhão! É você, então! – ameaçou uma voz bem conhecida sobre a cabeça de Tom, e, quando ele menos percebeu, suas pernas esperneavam desamparadas no ar. – Espera só, malandrinho! – rosnava Edgar Toranja, o honrado zelador. –

Agora você vai esfregar o chão até seu joelho doer. E aqui mesmo – ele arrancou o gravador de Tom –, este aparelho faz um barulho perturbador, mesmo quando você está rastejando lá no porão!

– Me solta! – bufou Tom, batendo e esmurrando em torno de si. – Não fiz nada, nada!

– Não? – silvou Toranja, e o silvo soava ainda mais ameaçador do que seu grito. – Não? Então olha aqui o meu capacho. E a escada. E então? – ele segurou Tom, que esperneava, com o nariz rente à gosma do fantasma. – Isto não é porquice sua?



– Não fui eu! – disse Tom, revoltado. – Ou o senhor me põe já no chão ou eu grito!

– Quero ver você fazer isso – disse Toranja, e soltou uma gargalhada. – Então você vai explicar para seus pais já, já, o que está aprontando no porão à meia-noite.

Furioso, Tom mordeu os lábios. Que droga! Como ele explicaria isso?

– Aha, agora você ficou quieto de repente, o que foi? – riu Toranja, e colocou de novo Tom em pé. – Não saia daqui, entendido? Vou pegar um balde bem grande e um pano de chão bem grande e você vai deixar essa sujeira toda em ordem num relâmpago!

Com expressão carrancuda e dentes cerrados, Tom fez que sim com a cabeça. O que poderia fazer senão isso?

Até as três da madrugada, Tom esfregou a escada. Enquanto isso, todos os outros moradores do prédio – inclusive sua querida família – dormiam em suas camas quentinhas.



– Puxa, é mesmo uma surpresa! – disse Eva Cidreira quando, pela segunda vez, levou Tom até a esquisita sala de estar. – Os meus conselhos não ajudaram um pouco?

– Sim, claro. Aliás, foram magníficos, mas... – Tom colocou a mochila no sofá e se sentou ao lado. – Mas ainda estou com um problema!

– Ah! – disse Eva Cidreira. – Ótimo. Então vou fazer um chá pra nós – e logo ela desapareceu na cozinha.

Uma mão branca abriu caminho através do tecido da mochila de Tom.

– Ei, nós temos um acordo! – cochichou Tom. – Você fica aí dentro até segunda ordem, certo?

– É incôomodo demaiiis aqui! – veio a resposta lá de dentro da mochila.

Daí a senhora Cidreira meteu o longo nariz dela pela porta e disse: – Aliás, meu jovem, diga ao fantasma em sua mochila que ele pode sair.

Tom a encarou, atônito.

Brincalhona, a senhora Cidreira franziu a boca. – Meu jovem, não me passa despercebido o cheiro de bolor de um fantasma, mesmo que ele esteja enfiado em uma mochila. Espere um pouco, vou fechar rapidinho as cortinas, pois a luz do dia provocaria imediatamente enjoo e fortes espirros em seu colega fantasmagórico.

As cortinas, obviamente, eram vermelhas, como todas as coisas naquela sala peculiar.

Com uma expressão de embaraço, Hugo flutuou para fora de seu esconderijo, observando em torno de si – e, espantado, voltou a se encolher.



– Arre, uuuuh, arre! – uivou ele. – Mas que sala repugnante! – ele pressionou as mãos brancas diante da cara e espiou apenas por entre os dedos. – Naada a não ser vermeelhoo horrível e por todo o lado espelhoos, espaaantoso!

– Me desculpe – disse Eva Cidreira –, mas às vezes eu tenho de lidar com fantasmas extremamente perigosos. E esta sala provoca um efeito bastante repulsivo neles.

– Aiaiai, não é fácil aguentar! – lamentou o fantasma. E zás-trás: desapareceu novamente para dentro da mochila de Tom. Eva Cidreira deu de ombros e foi buscar o chá na cozinha.

– Vamos ao próximo problema então, meu jovem – disse ela, enquanto Tom punha novamente uma enorme quantidade de açúcar em sua xícara. – Suponho que tenha a ver com seu colega.

– É isso mesmo – disse Tom, e lhe contou toda a triste história.

Quando ele terminou, a senhora Cidreira, pensativa, apertou o nariz pontiagudo dela.

– Então, então – disse ela. – Eu acho que sei de que casa você está falando. Pouco tempo atrás, passeando, passei em frente a um antigo casarão que exalava um cheiro forte e totalmente incomum de fantasmas. Meu jovem, desta vez, você tem mesmo um problema.

Tom engoliu em seco. – Como... O que a senhora está querendo dizer?

– Ora, esse desagradável fantasma, que enxotou seu colega, é certamente um FIR: um Fantasma Inacreditavelmente Repugnante, como o próprio nome diz. E, meu jovem, com um FIR, não é brincadeira não!

Tom ficou assustado. – A senhora quer dizer que não há nada a fazer? Hugo terá de ficar em nosso porão?

Da mochila, ouvia-se um soluço baixo.

– Oh, não, não disse isso – respondeu Eva Cidreira. – Mas é muito perigoso lidar com um FIR. Perigoso demais! Não se vai muito longe com espelho, música e ovo cru!

– E – Tom mal ousou perguntar – o que ajuda contra FIRs?

Eva Cidreira apertou o nariz até ele ficar vermelho como a sala. – Ora, na verdade, só existe uma coisa: terra de cemitério – disse ela.

Estupefato, Tom a encarou. – O quê?

– Terra de cemitério. No mínimo, um balde cheio. Isso mesmo, e você precisa praticar estrabismo, meu jovem. Estrabismo pode salvar sua vida quando você topar com um FIR.

A velha senhora ficou em pé e caminhou até sua estante de livros. – Quero te dar uma coisa – disse ela, e tirou um livrinho

da estante. – Aqui você vai encontrar todas as características, predileções e aversões tanto dos FMPs como dos FIRs, listadas cuidadosamente. Capítulo dois, se não me engano. Estude com atenção!

Mas Tom balançou a cabeça. – Não – disse ele, rouco. – Não, obrigado. Esqueça tudo, minha senhora. Por mim, Hugo pode morar em nosso porão até ele ficar velho. Acho que é melhor eu ir pra casa agora.

Os soluços de dentro da mochila de Tom se tornaram uivos e rangidos de dentes.

– Que pena, meu jovem – disse a senhora Cidreira. – Eu queria mesmo poder te ajudar.

Surpreso, Tom a encarou. – Sim, mas a senhora mesma disse que ele é aterradoramente perigoso!

– Ora – Eva Cidreira deu de ombros –, mas a vida é perigosa, não? Eu tenho um pouco de pena desse seu amigo pálido aqui. Quando nós estivermos bem preparados, conseguiremos apanhar este FIR!

– O que se faz com a terra do cemitério? – indagou Tom. Naquele instante, esse era o ponto que mais o intrigava.

– Oh, isso não é problema. Nós poderíamos providenciá-la já esta noite.

Tom franziu a testa. – À noite, como assim à noite?

– Oh, eu me esqueci de dizer isso? Só terra noturna tem efeito contra os FIRs. O que acha? Vamos hoje à noite nos encontrar em frente ao portão do cemitério, por volta das onze?

– Eu... hum... eu não sei – gaguejou Tom.

– Você poderia ir voando para lá no seu fantasma de porão – disse Eva Cidreira. Examinando, ela encarou Tom por cima de seu nariz pontiagudo.

– Eeu nãoooo soou um fantaaasma de porão! – ele saiu da mochila, ofendido. – Mas eeu estarei prooonto para ajudar!

– Como assim, voar? – perguntou Tom, com a voz fraca. Sua cabeça ficava cada vez mais atordoada.

– Ora, é comum um fantaaasma voar – veio uma voz abafada da mochila. – Ou você acha que eu flutuooo de pé?

– E agora, o que me diz, meu jovem? – Eva Cidreira estendeu sua mão longa e fina para Tom. – Vamos juntos dar uma lição nesse FIR para que seu amigo fantasma possa voltar pra casa?

O que Tom poderia dizer, então?

– Combinado – ele murmurou, e apertou a mão da senhora Cidreira.

Um sopro de alívio saiu de sua mochila.





– Desde quando você fica carregando sua mochila pra lá e pra cá a tarde inteira? – perguntou Lola, quando Tom chegou em casa.

– Não interessa – ele resmungou.

– Também acho – disse Lola. Zac! Arrancou a mochila da mão dele e deu uma espiada curiosa lá dentro. – Nada, absolutamente nada! – ela constatou, decepcionada.

– Viu só, pois aí só estava o meu fantasma – disse Tom. – E ele está lá no porão há muito tempo.

– Engraçadinho. Muito, mas muito engraçadinho! – berrou Lola, irritada, e se jogou na frente da tevê.

Aliviado, Tom foi para o quarto e trancou a porta. Depois, tirou o livro de Eva Cidreira do casaco, jogou-se na cama e começou a ler. Capítulo dois, como Eva Cidreira havia lhe recomendado. Ali constava:

Características dos FMPs e FIRs

Existem duas espécies principais de fantasmas, os Fantasmas Medianamente Pavorosos (abreviação FMPs) e os Fantasmas Inacreditavelmente Repugnantes (abreviação FIRs). Os FMPs aparecem certamente com mais frequência, ao passo que os FIRs são extremamente raros – o que é bom, pois os FIRs são dificílimos de expulsar e são muito perigosos. Até um principiante pode expulsar um FMP – mas com consultoria de um especialista. A expulsão de um FIR por um iniciante, porém, precisa ser URGENTEMENTE advertida. Trata-se de PERIGO DE VIDA ABSOLUTO! Somente pessoas formadas com alta qualificação, que reúnam nervos de aço e um vasto conhecimento, podem se aproximar de um FIR e – em circunstâncias propícias – enxotá-lo. Uma comparação das capacidades, predileções e fraquezas dos FMPs e dos FIRs pode levar os lúcidos e honráveis leitores deste livro a ter precaução máxima:



Atravessa paredes de até meio metro de espessura.

Voa tão rápido quanto uma gralha.

Ao aparecer, causa arrepio e ranger de dentes.

Com os dedos gélidos, provoca suaves tremedeiras de frio.

Move com um olhar objetos de até vinte quilos.

Ao provocar ruídos, produz arrepios.

Infla-se até três metros de altura.

Faz funcionar pequenos aparelhos (telefone, aparelhos de cozinha, ferro de passar).

Exala cheiro desagradável de mofo.

Adora estourar lâmpadas, vasos de flores, xícaras de café.



Atravessa qualquer parede espessa (não só espelho).

Avança sobre sua vítima com a velocidade de um avião de caça.

Veja FMP; além disso, ao aparecer, arrepia os cabelos, provoca tremedeira em todo o corpo e te deixa em estado de alerta permanente.

Congela os homens por meio da respiração gelada.

Move com um olhar qualquer objeto pesado e gira-o no vento.

Provoca ranger de dentes, tremedeira de braços e pernas, parada cardíaca.

Infla-se até alcançar o maior arranha-céu.

Gosta de desligar rádios e tevês e ligar aparelhos grandes, como guindastes e carroséis.

Exala um fedor horrível que induz a formação de brotoejas (pontos azuis).

Estoura lâmpadas, mas também, arbitrariamente, outras coisas grandes. Portanto, precaução máxima! Nunca olhe

Secreta rastro viscoso de lesma.

Não gosta de calor, foge de garrafa térmica, chá quente e aquecimento.

Sente um medo danado de ovo cru.

À luz do dia, sente enjoo e uma forte vontade de espirrar.

Detesta cheiro de perfume, reage com mudança de cor, enjoo e recuo.

Teme e evita cemitério, virando pó ao ter contato com terra de cemitério.

nos olhos amarelos de um FIR, ele pode te estourar!

Deixa para trás um rastro brilhante que cola melhor do que a melhor cola especial.

Não gosta de jeito nenhum de calor, mas não foge; ao contrário, fica totalmente furioso e duplamente pior.

De um ovo cru, um FIR apenas ri.

A luz do dia não prejudica um FIR.

Borrifo direto com perfume de violeta causa, em geral, recuo ou desaparecimento provisório.

Contra o FIR, a terra de cemitério é supostamente o meio de expulsão mais eficaz. Algo mais certo que isso ainda não é conhecido.



Esperamos que esta lista convença, enfim, o prezado leitor de que qualquer encontro com um FIR deve ser definitivamente evitado. Se mesmo assim o leitor – contra o conselho expresso deste livro – for ousado para encarar um desses seres medonhos, pode-se apenas lhe desejar mais sorte do que juízo.

Era isso. Com uma expressão carrancuda, Tom fechou o livro. Ficou de costas e olhou fixamente para o teto.

Ele tinha ficado realmente maluco? Puxa, como ele foi se envolver numa aventura dessas, de arrepiar os cabelos? Um dia ele poderia contar isso para alguém? Que um fantasma o teria aterrorizado de morte e quase o esganado? Que toda a sua família, por causa do fantasma, mais de uma vez o havia considerado maluco? Que tinha sido obrigado a esfregar a escada do prédio à meia-noite sem ter culpa alguma? Não.

Decidido, ele se sentou. Nada disso. Não. O velho embrulho repugnante podia sim ficar lá embaixo no porão. Não sentia mais medo dele. É preciso estar muito aborrecido com a vida

para se meter com um FIR. O melhor era dizer logo isso para o fantasma. Então, ele deixaria, enfim, todo esse assunto para trás.

– Aonde você quer ir agora de novo? – perguntou Lola quando Tom abriu a porta do apartamento.

– Brincar com meu fantasma – respondeu ele, irritado, e bateu a porta atrás de si.



– Ei – sussurrou Tom, tateando no escuro do porão. – Ei, Hugo, onde está você?

– O que voocê quer aqui? – respondeu, sonolento, de um canto.

– Eu, uh – encabulado, Tom pigarreou –, eu preciso falar com você.

– Você nãoo poode deeixar issoo pra mais taarde? – resmungou o fantasma. Piscando, ele se levantou da caixa de batatas. Ele bocejou, e através da boca bocejante Tom não viu nada além da parede do porão.

– Você pode voltar a dormir já, já – disse Tom. – Eu só queria dizer que – ele mordeu os lábios – ... que hoje à noite eu não vou junto com vocês.

Estupefato, Hugo olhou fixamente para ele. – Queer diizer que você nãoo quer mais mee ajudar?

– Sinto muito – disse Tom. – Mas, por enquanto, você pode ficar aqui. Boa noite!

Ele se virou rapidamente. Mas melhor mesmo seria ele afundar de vergonha no chão do porão.

– Aaaaaiiiiiiiaaiii! – uivou Hugo atrás dele. – Aiiii, é ultraaajante ser traído e abandoonado aqui! Uuuuhuu!

– Psiiu, não fala alto assim! – silvou Tom.

– Creeeedoo! – urrou Hugo e, desesperado, tremeu de cima a baixo. – Credooo, você está com medooo, nada além de medooo!

Todo o porão ficou iluminado pela luz azul e faiscante do fantasma.

– Concordo – disse Tom. – Concordo mesmo. E daí? Você também está com medo. Eu não tenho nem dez anos ainda e não quero de jeito nenhum ficar congelado ou estourar! Não, obrigado!

– Ooouuuuuuuaaaa! – gemeu Hugo. E deixou escorrer aquelas torrentes de pó prateado de seus olhos, fazendo com que Tom espirrasse. – Você é tão malvaado, espantooosamente malvaadoo!

– Não sou não! – gritou Tom, irritado. – Além do mais, não sei por que você está lamentando. Você ainda tem a senhora Cidreira. Ela pode muito bem te ajudar, mais do que eu.

– Ela também nãooo vai maiiis me ajudar – lamentou Hugo.
– Os seres humanos se sempre ajudam só outroos seres humanoos, seiii muitoo bem disso! Vou ter que viver para se sempre e eternaamente neesse pooorão fedoooreto, ooouoooo!

– Só começou a feder quando você chegou aqui – rosnou Tom, e ajustou os óculos. Inquieto, ele se deu conta de que estava com pena de Hugo.

– Ah! Uuhuu! Oh! – soluçou o fantasma, e arrancou os cabelos desgrehados. Era realmente difícil de suportar.

– Ei, pode parar – disse Tom, atormentado. – Afinal, aqui embaixo também não é tão ruim assim.

– Ah não? – disse, de repente, uma voz atrás dele. Assustado, Tom olhou pra lá e pra cá, e se deparou com o rosto zombeteiro de Lola.

– Não me agrada nada ficar sentada aqui no escuro – ela troçou. Curiosa, pregou os olhos em Tom, que ia saindo. Mas o porão estava vazio. Hugo tinha sumido sem deixar pistas. E, desta vez, Tom ficou feliz.

– Maninho, eu estou bem preocupada – disse Lola, zombando. – O que você acha daquilo que mamãe disse: que você senta no porão e conversa bem alto com você mesmo, hein?

– Nunca falo sozinho – disse Tom, sem-cerimônia. – Eu estou conversando com o fantasma. Aqui embaixo, certamente ele se sente bastante solitário.



– Ah! – Lola, irritada, cruzou os braços. – E sobre o que vocês conversam?

– Ei, na verdade, a gente já tinha terminado nossa conversa, não é Hugo? – disse Tom, na direção da caixa de batatas. – Fica bem, meu camarada. E esqueça o que acabei de dizer. Esse FIR vai ficar surpreso.

No porão, reinava um silêncio mortal.

– Vamos! – Tom empurrou Lola para o corredor. – Ele vai dormir um pouco agora.

– Ei! – resmungou Lola, e balançou a cabeça. – E você, cara, está mil vezes pior do que eu tinha imaginado!



“Mais uma noite sem dormir”, pensou Tom enquanto vestia o casaco, “e, de tanto bocejar, não vou conseguir mais fechar a boca.”

De novo ninguém notou que ele saiu furtivamente do prédio. Mas desta vez Hugo veio flutuando ao encontro de Tom e o alcançou diante da porta da senhorita Gordura Gordurosa.

– Por que você não esperou no porão? – Tom indagou, ríspido.

– Coomo assim? Voocê queria vooar lá poor debaixo da teerra? – perguntou o fantasma, irritado, e soprou sua respiração mofada na cara de Tom. – Melhooor começarmoos daquela janeela alii – zunindo baixinho, ele flutuou para uma janela do corredor.

– Lá pra fora? – perguntou Tom, e pisou de novo naquela droga de rastro gosmento. – Que droga! – xingou ele baixinho, e puxou com força o sapato. – Por que você deixa essa meleca em todo lugar?

Ofendido, Hugo o observou. – Não seja tãoo descaaradoo! Antes, abra a janela para nós.

– Tá bom, tá bom – Tom abriu a janela e olhou lá para baixo, para a rua escura. – Puxa, é muito alto!

– É bem alto! Eiiii! – zombou Hugo, e flutuou com uma gargalhada horrível e monstruosa pela noite afora.

– Não sei como isso funciona – falou baixinho Tom. – Eu devo me sentar nas suas costas?

– Mas que boooobaaagem! – sussurrou Hugo. – Você sobe apenas no paraaapeito da janela, eu poonho meu braço em volta de voocê, e uuuuuiiii, e saímoos voooando. Muito simples.

– Para você, talvez! – resmungou Tom e, com os dentes cerrados, subiu no parapeito. “É só não olhar lá pra baixo”, pensou ele. “Só isso, não olhar lá pra baixo.” Mas daí os braços gélidos do fantasma também já o tinham abraçado, e ele flutuava pela noite. Como um saco, Tom estava pendurado no peito pálido do fantasma. Lá embaixo, as casas ficavam cada vez menores.

– Vixe, por que você está voando tão alto? – gritou Tom. Mas Hugo só riu. O que soou bastante pavoroso. Por sorte, o estranho voo não durou tanto assim.



O cemitério era na periferia da cidade. Apenas um poste de luz solitário estava diante do enorme portão de entrada. Hugo flutuou uivando baixinho sobre o portão e deixou Tom num cantinho ali embaixo.

Tom já tinha estado ali muitas vezes com sua avó, para visitar o túmulo de seu avô. Mas sempre durante o dia. Sentiu um arrepio e se convenceu de que era apenas o vento frio da noite.

– Boa noite, meu jovem – disse uma voz, e Eva Cidreira surgiu da escuridão com uma lanterna antiquada e um balde.

Boquiaberto, Tom examinou as grossas correntes do portão do cemitério. – Como...?

– Oh, eu tenho meu caminho secreto – e o sorriso da senhora Cidreira já dizia algo. – Afinal de contas, venho aqui com muita frequência. Mas hoje não vamos ficar muito tempo. Hoje está realmente frio.

– Eeu espero aqui – disse Hugo. – Eeu não gosto de cemitérios. Não meesmo!

– Ora, você não é mesmo um fantasma de cemitério – concluiu Eva Cidreira. – Fique tranquilo, nós vamos voltar logo – pôs o balde na mão de Tom e, perseverante, levou-o pelos estreitos caminhos até as fileiras de túmulos.

– O balde já está cheio – disse Tom, espantado, enquanto tentava acompanhar os passos das pernas longas e finas da senhora Cidreira.

– É claro que está – ela olhou ao redor, investigando. – Eu sempre tenho comigo terra reserva de cemitério. Ah, ali. Acho que ali é um bom lugar – ela se dirigiu com passos ligeiros a um túmulo que estava um pouco retirado e parecia bastante abandonado. – Pego terra exclusivamente de túmulos esquecidos como este – ela esclareceu. Depois, sacudiu ao lado a terra que tinha trazido, arrancou a grama do túmulo velho e encheu o balde com a terra do cemitério. Em seguida, tirou de sua enorme bolsa preta um jarro com uma flor dentro. – Vamos deixar este jarro aqui, como forma de agradecimento.

Enquanto Eva Cidreira plantava sua flor com o maior sossego do mundo, Tom, nervoso, olhava em volta. No túmulo vizinho, havia uma lápide gigantesca. E, diante do túmulo, uma luzinha colorida. De repente, a portinhola, através da qual se introduzia

a vela, abriu-se, e algo flutuou para fora. Algo amarelo sulfuroso com olhos vermelhos. Um pouco maior que a mão de Tom.

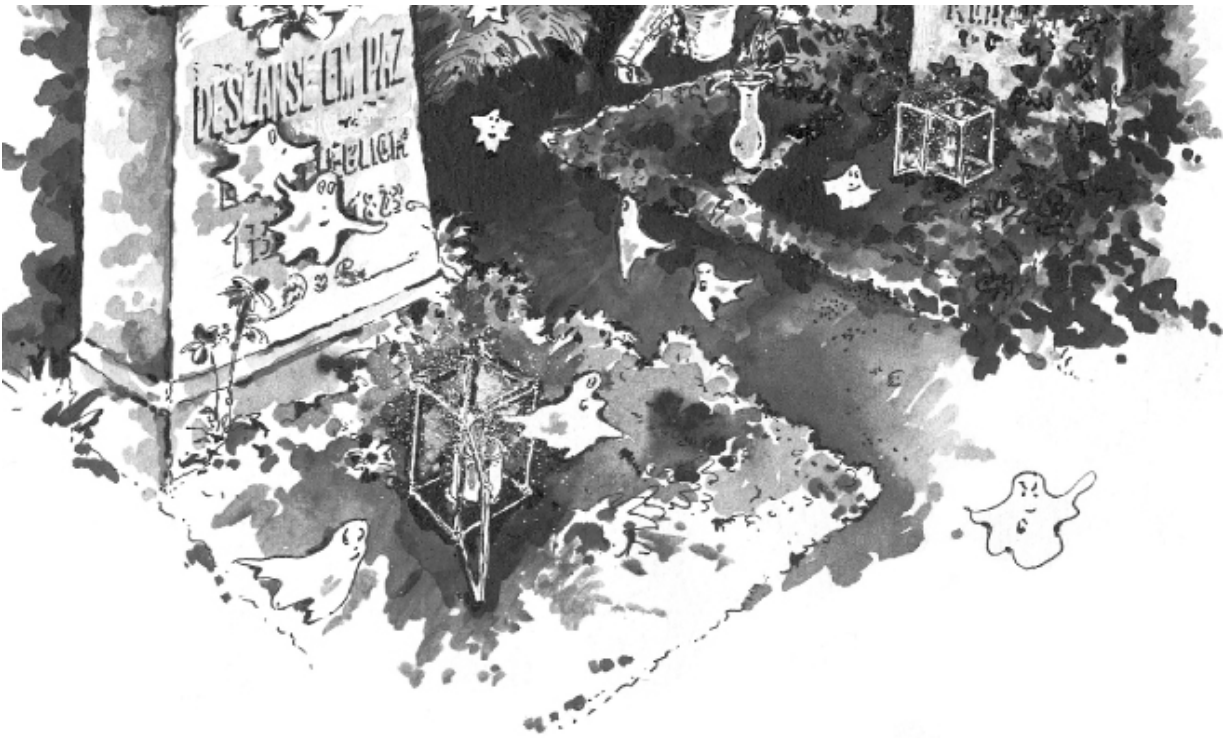
– Senhora Cidreira – ele falou baixinho, sem desgrudar os olhos daquela Coisa.

– O que foi, meu jovem? – perguntou a senhora, sem tirar os olhos do chão e limpando a terra dos dedos com um lenço.

– Aquilo ali, que saiu da luz do túmulo! – desabafou Tom. – Esta Coisa amarela com olhos. Está flutuando bem em direção a nós!

– Ah! – a senhora Cidreira fez um sinal negativo com o dedo, sem se impressionar. – Não liga não. É apenas um fantasma de cemitério. Não faz mal nenhum. Mas é muito curioso. Na maior parte do tempo, esses coitados se aborrecem terrivelmente. Vamos logo voltar e encontrar seu amigo.





Com o balde cheio, os dois pegaram o caminho de volta. Tom tropeçava seguidamente em seu próprio passo, porque ia vigiando o caminho para ver se não apareciam fantasmas. Eram em número cada vez maior. Logo que ele e Eva Cidreira passaram por uma luz de túmulo, a portinhola se ergueu, e o morador fantasmagórico das luzinhas coloridas flutuou atrás deles. Alguns brilhavam na cor azul, outros na lilás, outros na amarela, como o primeiro. As cores moravam nos fantasmas. Às vezes, Tom achava que escutava suas risadinhas.

Os fantasmas do cemitério acompanharam Tom e a senhora Cidreira até o pequeno lugar, mas ali, de repente, eles desapareceram.

Hugo esperava lá em cima do portão.

– Queee diachoooo, esses fantaaasmas de cemitério reclamõooes – xingou ele, e mergulhou para a terra com cara de nojo. – Quem eles querem assustar aqui?

– Ora, nem todo fantasma considera o susto sua tarefa de vida – disse a senhora Cidreira, e pôs o balde no chão. Apavorado,

Hugo deu um pulo para trás.

– Iiiiiiaaaaah, voocês querem que eu vire pó? – uivou ele.

– Oh, não se comporte assim – disse a velha senhora. – Eu vou levar a terra comigo. Você só precisa levar nosso amigo aqui são e salvo para a cama dele – depois, ela se dirigiu ao Tom. – Meu jovem, o primeiro passo já está dado. Amanhã, à tarde, vamos tentar expulsar o FIR. Exatamente às dezessete horas, nós nos encontraremos na antiga residência do seu fantasma de porão. Vista-se com roupa bem quente e pratique estrabismo! Do resto, cuido eu. Entendido?

Tom assentiu com a cabeça. Mas Hugo voltou a resmungar. – Só amanhã? – uivou ele. – Poor que nãooo agora mesmooo? Eeu tenho que ficar mais uma noite ainda naquele porãooo fedorentooo, hein? Com nada maiis que alguuns ratoos para assustar?

– Meu querido amigo fantasma – disse a senhora Cidreira, irritada –, se você continuar resmungando, eu não te ajudo mais, ficou claro? E tenha uma boa noite! – ela se virou e, sem mais nenhuma palavra, andou com passos pesados para a escuridão.



Na manhã do dia seguinte, Tom pegou no sono durante a aula de língua portuguesa. E na de matemática também. Talvez ele não tenha chamado muito a atenção, já que estava sentado na última fileira. Infelizmente, no entanto, acabou também roncando alto. Foi bastante constrangedor. Sua professora de português simplesmente o sacudiu de maneira bastante rude até ele acordar, e o professor de matemática lhe passou, como castigo, uma tarefa por causa daquela falta de respeito.

Isso é o que dá se dedicar a um fantasma sem lar!

Durante o almoço, ele bocejou tanto que mal conseguiu engolir a comida. A mãe o examinou, desconfiada. – Tom, você ficou lendo de novo debaixo das cobertas!

Tom balançou a cabeça – e bocejou.

– Mas alguma coisa te deixou cansado – disse o pai.

– É provável que ele tenha ficado brincando com o fantasma dele – Lola deu uma risadinha.

– Oh, Tom, você ainda acredita que aparece fantasma no porão? – preocupada, sua mãe perguntou. – É por isso então que você não consegue dormir à noite?

– Nada disso! – disse Tom, ofendido. – Eu estou, simplesmente – teve de bocejar de novo –, muito cansado. Vocês também ficam cansados, ou não? – e, com isso, foi para o seu quarto.

“Caramba”, pensou Tom. “Eu preciso encontrar um alibi para hoje à noite. Quem sabe quanto tempo vai demorar a expulsão desse FIR?! E, nestas circunstâncias, mamãe certamente vai

querer saber se estou dormindo. Caramba, caramba, caramba.” Tirou do bolso o espelho que ele tinha afanado de Lola e praticou estrabismo. Mas não lhe ocorreu nenhuma ideia. Quando já tinha ficado completamente nauseado com a brincadeira de estrabismo, sua querida irmãzinha entrou no quarto, fazendo algazarra. E sem bater, é claro.

– Ei, pare de me olhar assim – disse ela, zangada. – Vovó está no telefone e quer falar com o queridinho dela.

Tom, ainda vesgo, passou por ela. Vovó era a solução! Por sorte, a mãe segurou Lola na cozinha para lavar a louça, e ele pôde falar tranquilamente ao telefone.

É claro que a avó queria saber como ele tinha resolvido o problema do fantasma. Tom relatou minuciosamente o ocorrido, chegando ao novo problema: o álibi para a próxima noite. Mas sua avó não quis ser o álibi.

– Não – disse ela. – Isso me parece perigoso demais, meu jovem. Não brinco com essas coisas.

– Por favor, vovó. Você não precisa mentir. Eu vou dormir mesmo aí na sua casa. Só vou chegar um pouco mais tarde.

– Não!

– Por favor!

– Não... Bem – pigarreou a avó –, além do mais, Eva me disse que isso não é tão perigoso assim. Vou perguntar pra ela e depois ligo pra você.

Alguns minutos mais tarde, sua avó estava de novo ao telefone. – Eva me disse que está tudo em ordem – disse ela. – Chame sua mãe.

O álibi de Tom estava garantido.

Por causa daquele castigo bobo, Tom demorou uma eternidade para acabar a lição de casa. Já era quatro e meia quando ele entrou às furtadelas no quarto e pegou na cômoda o mapa da cidade. Ainda bem que Hugo tinha se lembrado do endereço de seu querido casarão: Alameda Sombra da Noite, 23. Era mais longe ainda do que Tom tinha imaginado. Ficava atrás

do parque da cidade. Caramba! Ele iria chegar atrasado. Às pressas, Tom colocou o mapa embaixo de seu suéter e deu um pulo quando topou com os braços cruzados de Lola.

– Ei, pivete – disse ela. – O que você quer com o mapa da cidade?

– Não te interessa! – furioso, Tom a empurrou para o lado e correu para o quarto dele. Como ela conseguia sempre aparecer de fininho e sem fazer barulho? Ele agarrou a mochila e a sacola, na qual socou as coisas de inverno. Enquanto calçava os sapatos, seus dedos tremiam de raiva. Irmã mais velha deveria ser proibido! Quando Tom quis sair, Lola estava apoiada na porta do quarto, rindo dele. – Ei, de novo você está saindo de mochila? E o que tem na sacola?

Tom simplesmente a ignorou e fechou a porta do quarto atrás de si.

Eram dez para as cinco quando ele pisou na rua, levando Hugo na mochila. Com passos rápidos, percorreu o caminho, saindo do estreito e anguloso centro da cidade, passando pelo parque e, em seguida, por ruas que ele só conhecia por causa de alguns passeios dominicais. Num ponto de ônibus, ele vestiu seu casaco de inverno e enrolou o cachecol no pescoço. Pela primeira vez, colocou o gorro no bolso do casaco. Sem o gorro, chamaria menos atenção.

As cercas vivas ficavam mais longas e altas, e as casas diminuía. Tom olhava constantemente o mapa da cidade e transpirava em excesso.

– Ah, caramba! – murmurou ele. – Acho que tinha que ter virado à direita há muito tempo – procurando uma placa de rua, ao olhar pra lá e pra cá, viu Lola. Quando ele se virou, ela se escondeu numa entrada.

– Pode sair! – berrou Tom, do outro lado da rua. – Pode sair, já te vi!

Ela voltou a aparecer com aquela risadinha sarcástica.



– Não se irrite, pivete – disse ela, zombeteira. – Eu só estou passeando um pouquinho. E você? Você quer ir pro polo Norte? Por que está vestindo estas roupas de inverno?

O que ele deveria fazer? Desesperado, Tom olhou para seu relógio. Cinco e dez. Droga! Se ao menos ele pudesse soltar Hugo em cima dela! Mas, durante o dia, era impossível contar com isso.

– Ué, você já criou raízes? – gritou Lola.

Tom tirou os óculos, limpou-os e esbravejou baixinho para si. Daí teve uma ideia genial.

– Eu me perdi – disse ele, e olhou tão desnorreado quanto possível para o mapa da cidade. – Você conhece esta região

muito bem, ou não?

– Conheço sim! – respondeu Lola. – Alguns colegas de classe moram aqui – pegou! Ela tinha mordido a isca.

– Aquele cara com o cabelo de espaguete mora aqui também, não é? – perguntou Tom. – Numa rua que tem um nome muito esquisito.

Lola ficou vermelha como papoula.

– Viela do Girino! Sim, agora me lembro! – gritou Tom, e sacudiu o mapa da cidade. – Você contou isso num almoço. É logo aqui na esquina.

– E daí?

– Se você continuar me seguindo e espionando, eu vou até aquele cabelo de espaguete e conto que você está perdidamente apaixonada por ele!

Por um longo momento, Lola ficou totalmente fora de si. Primeiro, branca feito cal, depois, vermelha feito rabanete, e novamente branca.

– Você não tem coragem! – disse ela.

Tom deu de ombros. – Quer apostar?

Furiosa, Lola mordiscou seu lábio inferior. Depois, ela falou em tom ríspido: – Seu anão, não me interessa nem um pouco aonde você quer ir! – ela se virou e foi embora.



O casarão dos fantasmas

Eva Cidreira parecia mal-humorada quando Tom, completamente sem fôlego, chegou ao ponto de encontro. Ela estava diante do portão de ferro forjado, vestindo um grosso sobretudo, gorro e cachecol, com uma sacola a tiracolo abarrotada, e, ao lado dela, o balde com a terra do cemitério.

– Você, meu jovem, poderia ser um pouco mais pontual! – disse ela. – Já são cinco e vinte!

– Eu... eu me perdi – respondeu, ofegante, Tom, e às pressas vestiu a gorro. – Além do mais, eu precisei me livrar da minha irmã.

– Tudo bem, deixa pra lá! – disse a velha senhora. – De qualquer modo, estamos aqui no endereço certo. Em toda minha longa carreira de caçadora de fantasmas, nenhum cheiro tão forte de FIR penetrou meu nariz.

Tom, inquieto, espiou pelo pesado portão de ferro. O antigo casarão, que fora o lar de Hugo, ficava entre árvores altas e escuras, parecia qualquer coisa, menos uma casa acolhedora. O casarão, enorme e abandonado, estava ali, com janelas estreitas e escuras, que encaravam Tom como se fossem olhos de mortos. Apenas a espessa fumaça branca, que saía da chaminé, mostrava que era habitado.

– Vamos, jovem! Vamos dar uma olhada mais de perto – disse a senhora Cidreira, e abriu o portão do jardim, que, enquanto se abria, chiava.

– Oh, que baaruulhoo agradáaveel! – exclamou Hugo, encantado, de dentro da mochila de Tom. – Estooooou

novameeeeente em caaasa. Ouooooou, enchee meus ooolhos de lágrimas!

– Você não quer sair da mochila? – perguntou Tom, enquanto eles caminhavam em direção ao casarão. – Aqui, ninguém vai ver você.

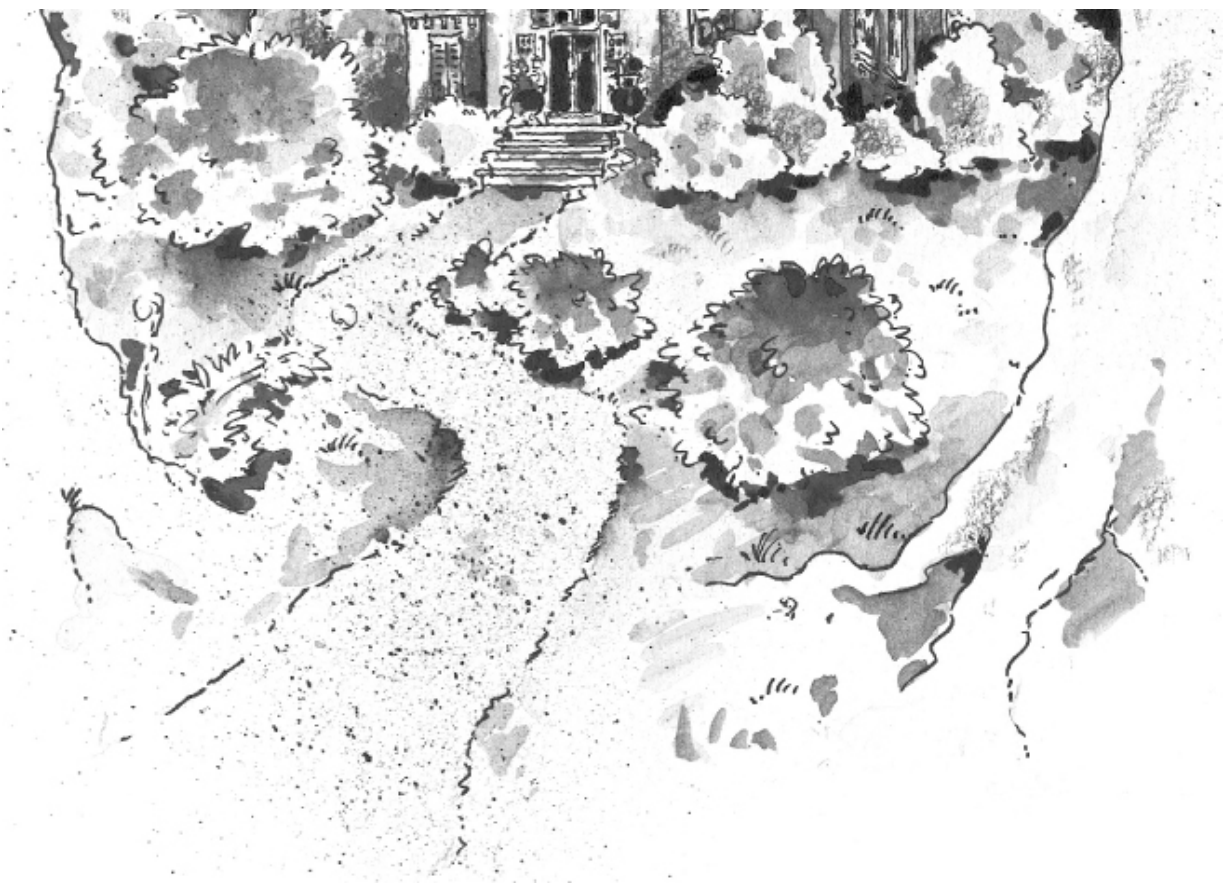
– Muito claro, claro demais! – reclamou Hugo.

– Acho que não é claro não! – disse Tom. As árvores gigantes faziam sombras escuras.

Uma ampla escada cheia de musgo conduzia até a porta da casa. Chegando lá em cima, a senhora Cidreira pôs o balde no chão e, decidida, apertou o único botão da campainha. “Zacarias Encantador” era o que constava na placa de metal manchada.

Nada se mexia.





A senhora Cidreira franziu a testa. – Hugo, você disse que este senhor Encantador trabalhava na casa, é isso mesmo?

– Issoo mesmooo! – a resposta veio de dentro da mochila. – Ele trabaalhaa só aqui em casa.

– Hum, muito suspeito! – a senhora Cidreira apertou o nariz contra a janela ao lado da porta de entrada.

– A senhora está conseguindo ver alguma coisa? – nervoso, Tom ajeitou seus óculos.

– Apenas os vestígios comuns do FIR – disse, em voz baixa, a senhora Cidreira. – Móveis derrubados, tapete repleto de gosma. Mas nenhum rastro desse senhor Encantador!

– Puuuxaaaaaa! – lamentou Hugo. – Certamente aquele fantasma horríivel também o soprouuu pra longe!

– Isso é um absurdo – disse a senhora Cidreira. – Mesmo um FIR precisa de alguém para assustar. Suponho que o proprietário esteja escondido em algum canto – ela tirou uma lata rasa de sua

bolsa. – Aí, meu jovem. Unte as solas dos sapatos. Um creme antirrastrado do FIR, da melhor qualidade. E guarde isto – ela lhe passou um cubo pequeno e transparente – no bolso de seu suéter. É um sinalizador de FIR. Assim que um deles estiver próximo, o cubo fica gelado. Também tenho um. É muito útil.

O cubo dava uma sensação quente e agradável. Tom o guardou rapidinho.

– E eu? – perguntou Hugo, ofendido. – Eu também preciso de um sinalizador.

– Que idiotice! – bradou a senhora Cidreira, examinando a fechadura da porta. – Você é um fantasma. Vai perceber muito bem quando seu colega estiver próximo – ela revirou sua bolsa e tirou um pedacinho de arame.

– Sabia que iríamos precisar disto – murmurou ela e, com cuidado, enfiou o arame na fechadura.

– A senhora faz isso com muita frequência? – perguntou Tom.

– Mas é claro! Meus clientes geralmente ficam tão estarelecidos de medo que acabam nem conseguindo abrir a porta da casa para mim.

Tlac! Destrancou, e a pesada porta se abriu.

– Vamos, jovem! – cochichou a senhora Cidreira. – Agora a coisa está ficando séria.

Um frio gélido golpeou os dois. Frio gélido e silêncio mortal. Estavam num imenso e tenebroso saguão, em que somente duas janelinhas deixavam entrar um pouco da luz do dia. A gosma do fantasma brilhava no tapete à luz do entardecer, como um emaranhado de imensos rastros de lesma. A escada, que levava ao piso superior, estava de cima a baixo cheia daquela gosma. No meio da sala, havia uma mesa grande como um besouro deitado de costas esticando as pernas para o ar. Um armário estava de ponta-cabeça. Todos os quadros pendurados na parede estavam invertidos. O lustre, bem em cima deles, balançava lentamente pra lá e pra cá, pra lá e pra cá.

Os dedos de Tom agarraram o pequeno cubo. Estava quente; e isso o tranquilizou.



Havia cinco portas, duas à esquerda, duas à direita, e uma bem lá no fundo do sinistro saguão.

– Hugo, saia daí! – a senhora falou baixinho perto da mochila de Tom. – Onde o senhor Encantador costuma ficar?

Hugo apareceu bamboleando e com o nariz amarelo-pálido.

– Na saala ou na coozinha – sussurrou ele. – Seguuunda pooorta à esquerda, é a porta ali no fundo. Huuuuumm, será que é aqui mesmo?

Eva Cidreira e Tom, sobre as silenciosas solas revestidas de antigosma de FIR, andaram de mansinho até a porta da sala. Hugo ia atrás deles, flutuando. Sem fazer barulho, a senhora Cidreira abriu a porta e espiou lá dentro. Em seguida, ela acenou para que Tom e Hugo a seguissem.

Na sala do senhor Encantador fazia calor, um calor agradável, pois na lareira ardia uma grande fogueira. A luz clara do dia

entrava por duas janelas.

– Xiiii! – urrou Hugo, e de novo voltou para a mochila.

– Senhor Encantador? – a senhora Cidreira chamou em voz baixa. – O senhor está aí? Nós viemos lhe ajudar.

Tom achou que tinha escutado um “sniff, sniff”, e, em seguida, de repente, viu um homem com os cabelos grisalhos despenteados atrás do sofá. – Quem, quem é a senhora? – perguntou ele.

– Meu nome é Eva Cidreira – a velha senhora se apresentou. – E sou caçadora de fantasmas.

– Ah, verdade? Mas é que... – o senhor Encantador sacudiu-se, ajeitou-se e, perplexo, encarou a velha senhora. Ele era grande e gordo e vestia um paletó preto, que estava inteirinho coberto de farinha. – Como a senhora soube do meu infortúnio? – em estado de alerta, ele espiava sobre seus ombros. – Por enquanto, está calmo. Mas a situação é enganosa. Eles só aparecem quando o momento é propício.

– Eu sei, eu sei – a senhora Cidreira sorriu. – Tudo é uma questão de planejamento. Só tem um momento em que os FIRs não são especialmente ativos: entre sete e oito horas.

– Olha para quem a senhora está dizendo isto! – lamentou o enfarinhado senhor Encantador. – Este é o único momento em que consigo trabalhar. Uma catástrofe! – com os dedos tremendo, ele alisou o cabelo. – A senhora deve saber que eu sou inventor de biscoitos, e minha mais recente receita, beijinhos de fada... Minha nossa! – apavorado, ele bateu na testa. – Meus biscoitos! – precipitou-se por sobre Tom e a senhora Cidreira, passou pela porta e desapareceu no saguão.

– Mas ele se comporta de um jeito bastante esquisito – afirmou Tom.

– Um sinal inequívoco do ataque de FIR – disse Eva Cidreira. – Vamos fechar as cortinas, assim, talvez, nosso fantasma de porão se encoraje a aparecer novamente. Acho que deveríamos apresentá-lo ao senhor Encantador.

– Eeu nãoo soou um fantasma de porãoo. Quantas vezes ainda voou ter de dizer isso? – disse uma voz irritada de dentro da mochila.

As cortinas do senhor Encantador eram grossas e azuis. Quando elas estavam fechadas, faziam as sombras bruxuleantes do fogo da lareira dançarem pelo espaço escuro.

– Em caaasaa! – suspirou Hugo, e flutuou com o rosto extasiado até o teto.

Nesse exato instante, o senhor Encantador voltou correndo para a sala. – Desculpem-me! – gritou ele, sem fôlego. – Mas precisei dar uma olhada nos meus biscoitos de beijinho de fada. Mas por que vocês deixaram tudo tão escuro assim?

– Uuuuuuaaaaaauuu! – gemeu Hugo, e bamboleou na mais pavorosa cor de mofo, indo em direção ao senhor Encantador.

– Oh, não, de novo não! – gritou ele, e meteu as mãos diante do rosto. – Não, isso eu não aguento!

– Hugo! – gritou Tom, furioso.

– Mas euu só queria dar um suuustinho neeele – Hugo, ofendido, uivou. – Como noos velhos tempooos.

O senhor Encantador, tremendo, jogou-se em seu sofá sujo de farinha. – Oh... – soluçou ele. – O que eu fiz pra merecer isto?

– Fique calmo, meu querido! – disse a senhora Cidreira. – Nós estamos aqui para ajudar. Prometo ao senhor que este fantasma de porão – ela lançou um olhar bastante bravo para Hugo – não lhe assustará nunca mais.



– Eeu não soou um fantasma de porão – murmurou Hugo, e flutuou, de volta para a mochila de Tom, arrependido.

– Não estou entendendo nada – queixou-se o senhor Encantador. – Já faz algum tempo que não entendo mais nada. E meus biscoitos – uma lágrima gorda rolou pela bochecha cheia de farinha – ... meus biscoitos não são mais gostosos. Como um inventor sério de biscoitos pode trabalhar nessas condições? Não invento um tipo novo de biscoito desde, desde... – e começou a soluçar novamente.

– Desde que os fantasmas começaram a assombrar sua casa com mais frequência – completou a senhora Cidreira.

O senhor Encantador concordou com a cabeça. – Meu avô já achava que nesta casa aconteciam coisas bastante estranhas. Ele suspeitava que meu saudoso tataratio Hugo, que era sonâmbulo e caiu do telhado, está assombrando esta casa. Praticamente uma pequena assombração de família. Mas há uma semana tudo está simplesmente insuportável! – desesperado, o senhor Encantador balançou a cabeça. – Estou tão confuso que misturo na massa sal em vez de açúcar, alcaçuz em vez de chocolate, sabão em pó em vez de farinha. E por quatro vezes eu acabei deixando queimar os biscoitos! – novamente, o senhor Encantador meteu as mãos de farinha diante do rosto. – Logo mais nenhuma fábrica de biscoitos do mundo vai produzir minhas invenções.

Sentindo compaixão, a senhora Cidreira concordou com a cabeça. – Querido senhor Encantador – disse ela –, há uma semana que isto não tem mais nada a ver com seu tio Hugo. Infelizmente, tenho de dizer que o senhor é vítima de uma invasão de FIR.

O senhor Encantador ergueu a cabeça. – Como? Uma o quê?

– FIRs – disse Tom. – Fantasmas Inacreditavelmente Repugnantes.

Em seguida, Eva Cidreira esclareceu ao estarrecido senhor Encantador quem era o mais novo morador de sua casa e como ela tinha tomado conhecimento daquilo por meio de Tom.

Ele, sem acreditar, olhava fixamente para ambos. – Tio Hugo...?

– ... fugiu para o porão deste jovem aqui. Isto mesmo – a senhora Cidreira fez que sim com a cabeça. – Ele é o fantasma que agorinha assustou o senhor. Meu amigo aqui trouxe em sua mochila seu tio, que andava assombrando por aí. Ele é certamente um exemplar de inofensivo fantasma, denominado FMP.

– Ora, eu nãoooo soouu tão inofensivo – veio uma fala ofendida da mochila de Tom, e Hugo flutuou novamente para fora de seu esconderijo. Ele se inflou até ficar bem grande e bamboleou para cima do assustado senhor Encantador.

– Seu avô tinha razãoooo – sussurrou ele –, eu soou Hugo. Nuuma noite escura, eu virei faaantasma por causa de um trágicooo acidente. Faz maiiis de quinhentos anos. À época, seu saudoso tataravô ainda vivia. Um hoomem bastante medroooooo! Ele tinha grande respeeito poor mim.

– Não acredito – murmurou o senhor Encantador. – Simplesmente não acredito.

– Senhor Encantador – disse Eva Cidreira –, estamos aqui para ajudar seu tataratio a voltar para casa. O senhor estaria pronto para receber Hugo mais uma vez quando eu expulsar o FIR daqui?

– Mas é claro! – gritou o senhor Encantador. – Ele jamais me atrapalhou quando eu fazia os biscoitos. Mas ele não deve mais me assustar tanto assim, como fez agora!

– Palavra de honra de faantasma! – sussurrou Hugo. – Eeu voou assoombrar só um pouquinho.

– Então está tudo esclarecido – disse Eva Cidreira. – Agora nós poderíamos o quanto antes deixar algumas coisas preparadas – ela olhou para seu relógio. – Em menos de uma hora já vai escurecer, e daí, queridos amigos, tudo aqui vai começar a ficar assombrado!



– Hum, hum! – a senhora Cidreira deu uma olhada reprovativa na sala de estar do senhor Encantador. – Azul, azul, tudo azul. É muito desfavorável. E não tem sequer um espelho.

– Espelho? – perguntou o senhor Encantador.

Com um ar mais sério, Tom ajustou os óculos. – Os espelhos são muito úteis contra fantasmas – disse ele. – O senhor não sabia disso?

O senhor Encantador não respondeu. Uma alteração estranha aconteceu com ele. De repente, seus cabelos ficaram espetados, o rosto branco como açúcar e as pernas tremiam, batendo uma contra a outra. De olhos bem arregalados, ele olhava fixamente para a porta.

Um barulho abafado veio do saguão. O sinalizador de FIR no bolso do casaco de Tom estava frio feito picolé.

– Para o esconderijo, ele está vindo! – gritou a senhora Cidreira, pegando o balde com a terra de cemitério e desaparecendo atrás de uma poltrona.

Nem deu tempo de Tom ficar espantado, porque ele logo pulou atrás do sofá.

– Uuuuaaaa! – exclamou Hugo e, bamboleando, encolheu-se.

– Pra mochila! – gritou Tom. – Rápido, vamos, já!

Aquela Coisa estrondosa chegava cada vez mais perto. E, com ela, um imenso uivo. O senhor Encantador não se mexia, como se estivesse plantado.

– Abaixese, senhor! – gritou a senhora Cidreira por detrás da poltrona. – Esconda-se, rápido!

– E... e... e... eu não consigo – gaguejou o senhor Encantador, e cobriu o rosto com as mãos. A Coisa estrondosa alcançou a porta, que, estalando, abriu-se, e por ela brotou uma Coisa terrível, horrível, fedorenta e gigantesca. O FIR.

– Buaaaaaaa! – berrou ele, inflou-se até o teto e fez que todas as lâmpadas estourassem. Aquela Coisa colossal fitava sinistramente com os olhos amarelos o pobre senhor Encantador, lá embaixo. A boca gigante se abriu mais de um metro e soltou um arroto nojento e imenso. Depois, o FIR tomou bastante fôlego e soprou sua respiração gélida sobre o senhor Encantador, que, num segundo, ficou congelado.



Tom batia os dentes feito máquina de escrever. Ele tremia tanto que os óculos escorregaram de seu nariz. Da mochila, vinham os gemidos pavorosos. Só Eva Cidreira controlava o

nervosismo. Num átimo, ela agarrou o balde, ajeitou-se e atirou um punhado de terra de cemitério bem no peito nebuloso do FIR.

– Bbbbbuuuu! – urrou o fantasma gigante, e ficou lilás como uma violeta. Seus olhos amarelos giraram, sua respiração gelada ficou quente como ar de aquecedor. Ele voltou para o saguão com um rugido terrível. Atrás dele, a porta rangeu e se fechou, alguns quadros caíram da parede, e tudo, de repente, ficou em silêncio mortal.

– Minha nossa! – lamentou Tom, e tateou o tapete enfarinhado, em busca dos óculos.

– Perdiidos! – resmungou Hugo, que saiu da mochila bamboleando e implorando. – Nós estamos perdidos.

– Ar! Precisamos de ar aqui dentro! – gritou a senhora Cidreira. – Senão logo mais todos ficaremos cheios de pontinhos azuis do fedorento FIR! – às pressas, ela abriu as cortinas e a janela. Lá fora, já estava escuro.

– Aaaaahhh! – suspirou Hugo. – Tempooo de fantaaasma!

“Só faltava essa”, pensou Tom, e pôs os óculos com os dedos tremendo. Preocupado, olhou para o senhor Encantador, que estava rígido e estarecido.

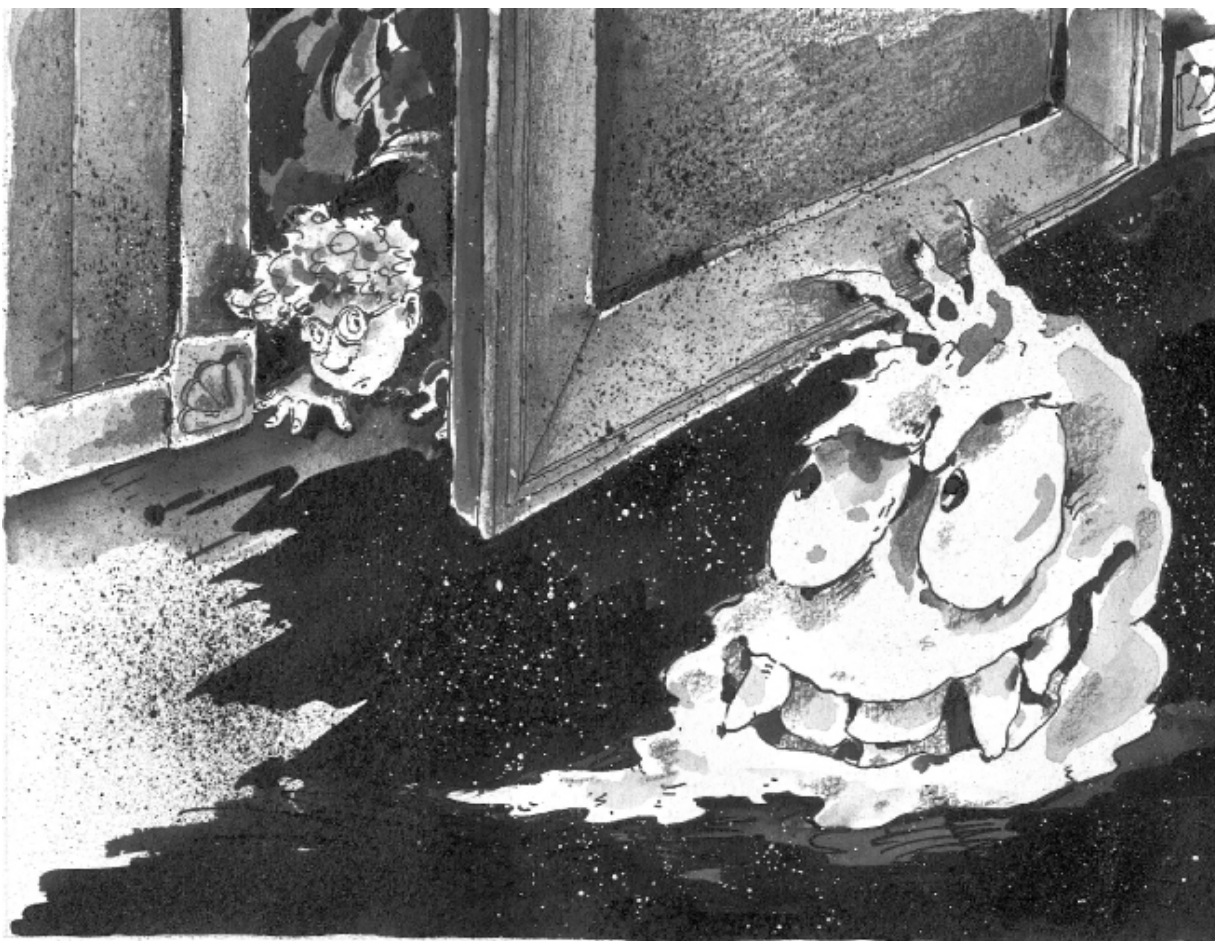
– Congelado! – afirmou a senhora Cidreira. – Rápido, precisamos levá-lo para perto da lareira.

Eles, somando forças, arrastaram o homem grande e gordo para perto do fogo. Daí a senhora Cidreira tirou de sua bolsa uma garrafa com líquido vermelho e pingou três gotas no nariz congelado do senhor Encantador. – Minha poção especial para o derretimento – esclareceu ela. – Desenvolvida por mim mesma contra o congelamento de FIR – balançando a cabeça, ela olhou ao redor. – Claro – murmurou ela. – De novo todas as lâmpadas pifaram. Hora de acender as velas.

Enquanto a senhora Cidreira arrumava as velas, Tom se esparramou, pela primeira vez, numa poltrona.

– Puxa! – suspirou ele. Suas mãos, seus braços e suas pernas tremiam. Simplesmente todo o corpo tremia. Ele se sentia como

estardalhaço. E com risadinhas terríveis, ela rolou para a porta da sala. Os olhos amarelos fitavam Tom.



– Fique vesgo, meu jovem! Vesgo! – gritou Eva Cidreira, deu um pulo e chutou a cabeça do fantasma de volta para a escada, como se fosse uma bola de futebol. Com agilidade, saltou então de volta para a sala, pegou o balde e o colocou no vão da porta, para ameaçar o FIR.

A cabeça rolou pela escada clamando. Com um berreiro horrível, o FIR se jogou escada abaixo, pegou a cabeça com os dedos de mofo verde e a pôs novamente no lugar. Depois, veio lenta, mas ameaçadoramente, em direção à senhora Cidreira e ao Tom, que, atrás dela, não parava de tremer.

– Baaaaah! – gemeu o fantasma. – Eii, espppppere! – sua voz soou como se saísse de um poço.

– Você pode parar com a fanfarronice! – gritou a senhora Cidreira. – Esta gritaria toda e o voo e a quebradeira de móveis não me impressionam nem um pouco.

“A mim sim”, pensou Tom. O mau cheiro do FIR e o maldito estrabismo o estavam deixando atordoado. E ele, para seu pavor, descobriu que suas mãos estavam repletas de pontinhos azuis.

– Summma! – vociferou o FIR, e se inflou até atingir o teto.

– Suma! – disse a senhora Cidreira. – E hoje mesmo – daí ela pegou com uma mão a terra de cemitério e com a outra tirou do sobretudo um pulverizador de perfume.

O FIR riu zombeteiramente e estourou uma vidraça. Mas seus olhos amarelos iam inquietos de lá pra cá, entre o balde e o pulverizador.

– Odor de violeta! – disse a senhora Cidreira. – Isto coça e arranha terrivelmente a pele do fantasma. E você já provou da minha terra de cemitério.

– Rawwwww! – rugiu o FIR. – Não é nada! Nós ainda nos divertiremos muito esta noite! – um riso maligno brincou no canto de sua boca embolorada e, zás-trás, ele desapareceu.

O saguão ficou escuro e silencioso.

– Ele foi embora! – abismado, Tom olhou em volta.

– Sim, mas não por muito tempo, eu temo – disse a senhora Cidreira. – Este mocinho quer brincar de gato e rato com a gente. Mas eu acho que agora sei como vamos nos livrar dele. Ah sim, certamente vai ser um trabalho danado de perigoso!



Eles voltaram para a sala com as pernas bambas. Diante do fogo quase apagado da lareira, estava sentado o descongelado senhor Encantador com o nariz, que escorria, enfiado num lenço.

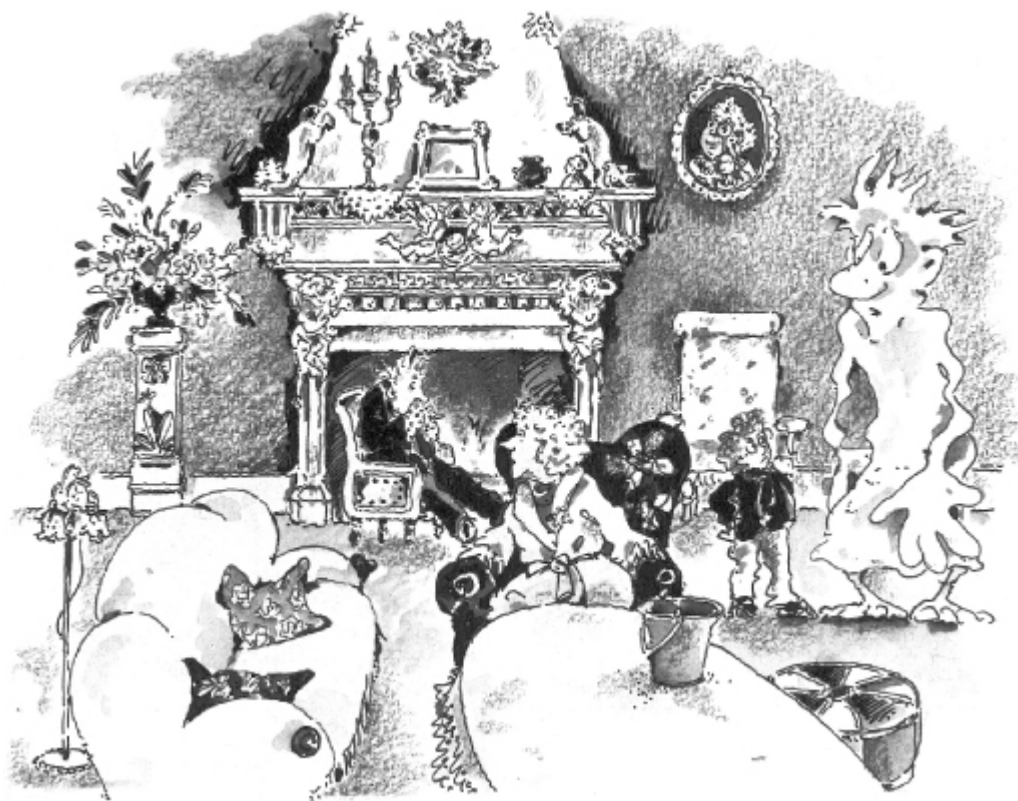
– É a quinta vez que ele me congela – ele falou, fungando. – Ainda vou acabar pegando uma pneumonia.

– O senhor deveria ficar alegre, já que não aconteceu nada pior – a senhora Cidreira colocou o balde sobre a mesa, cheio só até a metade, o pulverizador, e se jogou numa poltrona. – Se o senhor não tivesse tampado bem os olhos, sem dúvida ele o teria feito estourar.

– O quê... o quê? – balbuciou o senhor Encantador, apavorado. – Estourar? Mas isso é mesmo horrível! Detestável!

– Elee já se foori? – pálido como sorvete de baunilha, Hugo saiu de debaixo do tapete. – Voocês finalmente o enxotaram?

– Vê se fica quieto! – disse Tom, irritado. – Que grande ajuda a sua, hein! Nós estamos aqui nos arriscando por você, correndo perigo de ficarmos congelados ou de estourarmos, e você se enfia debaixo do tapete!



– Psiu! – silvou a senhora Cidreira.

Ouvia-se por sobre a cabeça deles um leve ruído de ranhura. Em seguida, de repente, um barulho ensurdecador. O rádio começou a berrar, a televisão a funcionar e o despertador do senhor Encantador a tocar.

– Sem pânico! – a senhora Cidreira gritou no meio daquela bagunça. – Não é uma assombração, mas problemas com as máquinas, sem qualquer perigo!

Mas naquele exato momento veio, através do teto, um braço verde embolorado bem em sua direção.

– Cuidado! – berrou Tom, agarrou o pulverizador e borrifou metade do conteúdo no trepidante dedo gélido.

– Aaarrrrg! – eles escutaram o FIR claro sobre eles e a esquisita mão se dissolveu no ar, diante de seus olhos. O rádio, a televisão e o despertador silenciaram.

– Baahhh! Viiiiooleta. Ainda por cima isso! – lamentou Hugo e, indignado, coçou o pálido corpo bamboleante.

A senhora Cidreira estava um pouco pálida. – Meu querido e jovem amigo – disse ela –, você agiu extraordinariamente bem. Muito obrigada.

– Oh! Não precisa agradecer – disse Tom e, embaraçado, ajeitou os óculos.

O senhor Encantador espirrou com toda a força. – Qual é o plano agora? – perguntou ele, olhando tenso para o teto.

– O senhor – disse a senhora Cidreira e abaixou o tom da voz – logo, logo, vai ver. – Ela pegou na bolsa uma caneta-tinteiro e um pedaço de papel e começou a escrever à luz da vela. Curiosos, Tom e o senhor Encantador olharam por cima dos ombros dela. Até mesmo Hugo parou de se queixar e se aproximou, flutuando. E o que eles conseguiram ler era:

Queridos Amigos!

Oplei por escrever para compartilhar com vocês meu plano, pois o FTR com toda certeza está nos espreitando. Leiam rápido pois precisamos destruir este bilhete o mais rápido possível! Conforme Tom e eu pudemos constatar através de uma pequena experiência, este FTR, com o qual estamos lidando, é conhecido como FTR-Comilão e tem muito interesse em alimentação humana.

Entusiasmado, o senhor Encantador começou a concordar com a cabeça. – É isso mesmo – falou, bem baixinho. – Ele devora o tempo todo os meus biscoitos.

Como o FIR espantosamente quase não reage à aplicação de terra de cemitério, nós precisamos fazer com que ele coma alguma coisa. É certo que nunca, eu enfatizo nunca um FIR conseguir ter um paladar razoavelmente refinado. Pelas pesquisas realizadas até aqui, ele cuspiu imediatamente a isca e em seguida ficou muito, muito furioso - que fim terrível não deve ter sido ser perseguido. Por isso, senhor Encantador, nossa única esperança reside no senhor!!! O senhor precisa inventar um biscoito que seja tão irresistível que o fantasma vai devorá-lo imediatamente. Nosso amigo Hugo vai aconselhá-lo nisso porque ele certamente conhece melhor do que ninguém o paladar dos fantasmas. O senhor tem meia hora. Enquanto isso Tom e eu vamos, por todos os meios, manter o FIR afastado da cozinha. Meus amigos, este é o meu plano. Outra chance nós não teremos. Não ser a fuga.

A senhora Cidreira pôs advertidamente o dedo sobre os lábios e continuou a escrever, examinando inquisitivamente seus companheiros de conspiração.

Tom fez que sim com a cabeça. – Ok – sussurrou ele.

– Vou dar o melhor de mim – cochichou o senhor Encantador.

Hugo bamboleou um pouco em volta, mas acabou também concordando com a cabeça.

– Ótimo – sussurrou a senhora Cidreira. – Então, agora eu vou destruir isto aqui – mas, assim que ela segurou o bilhete sobre a chama da vela, passou pelo local um vento frio, arrancou o bilhete de sua mão e apagou todas as lâmpadas. Do fogo apagado da lareira, saiu uma luz embolorada.

– O bilhete! – gritou a senhora Cidreira. – Rápido! Precisamos encontrá-lo!

Mas Tom e o senhor Encantador tateavam inutilmente no escuro. Da lareira veio um gemido terrível, e o FIR levantou sua cabeça, gargalhando.

– Hah! Hahhhahha! – riu ele. Seus olhos piscavam como faróis de carro.

Nesse momento, Tom se lançou com uma coragem desesperada sobre o monstro e despejou naquele corpo bamboleante uma grande quantidade da terra do cemitério.

– Arrrrgggghhhh! – o FIR urrou tão alto que Tom quase perdeu a audição. Assobiando como uma bexiga furada, ele se encolheu todo, mas ainda, com suas últimas forças, tocou com o dedo gélido no braço de Tom, que tropeçou e caiu. Seu braço esquerdo ficou duro como um pingente de gelo. E o FIR, uivando, desapareceu através da parede.

Um fósforo foi aceso. A senhora Cidreira acendeu novamente as velas, olhou à sua volta, buscando algo, e, abatida, caiu no sofá.

– Vamos embora! – murmurou ela. – Acabou. Nós perdemos.

Tom se levantou com dificuldade, pôs de lado o balde quase vazio e esticou o braço para a senhora Cidreira. – A senhora pinga no meu braço algumas gotas de sua poção especial de degelo?

– Claro, meu querido – disse a velha senhora, e apanhou a garrafinha. – Você realmente é um jovem muito valente. Só que agora, infelizmente, valentia não vai mais nos ajudar. Só podemos contar ainda com a fuga – irritada, ela balançou a cabeça. – Nunca tinha acontecido uma coisa dessa em toda a minha vida.

– A senhora quer dizer – o senhor Encantador assoava o nariz no lenço – ... a senhora quer dizer que temos de abandonar a casa?

A senhora Cidreira fez que sim com a cabeça.

– Nada dissooooo! – disse uma voz embaixo do sofá. – É um absuurdoo! – e, com uma risada confiante, Hugo saiu dali debaixo flutuando, e deixou o bilhete voar sobre a mesa.

– Mas isto é mesmo maravilhoso! – gritou o senhor Encantador. – Realmente maravilhoso!

– Boa, Hugo! – disse Tom.

– Psiu! – silvou Eva Cidreira, e segurou pela segunda vez o bilhete sobre a chama da vela. Desta vez, não aconteceu nada, e, de seu plano secreto sobrou apenas um punhado de cinzas. A senhora Cidreira, satisfeita, limpou as cinzas da mesa. – Tom? Senhor Encantador? Hugo? Tudo pronto?

Os companheiros de conspiração assentiram com a cabeça.

– Bom – sussurrou a senhora Cidreira –, então este FIR vai ver o que é bom!



O saguão estava completamente escuro quando Tom e a senhora Cidreira subiram a enorme escada. Da cozinha, podia-se ouvir um tinido baixo. O senhor Encantador já estava trabalhando.

– Estamos com sorte – sussurrou Eva Cidreira. – Segundo meu sinalizador de FIR, nosso amigo está aí em cima. Temos, portanto, de mantê-lo lá em cima por mais meia hora. Eis aqui. – ela tirou de sua bolsa sem fundo dois capacetes. – Capacetes de mineiro. Eles têm uma pequena lâmpada na parte da frente. Muito prático!

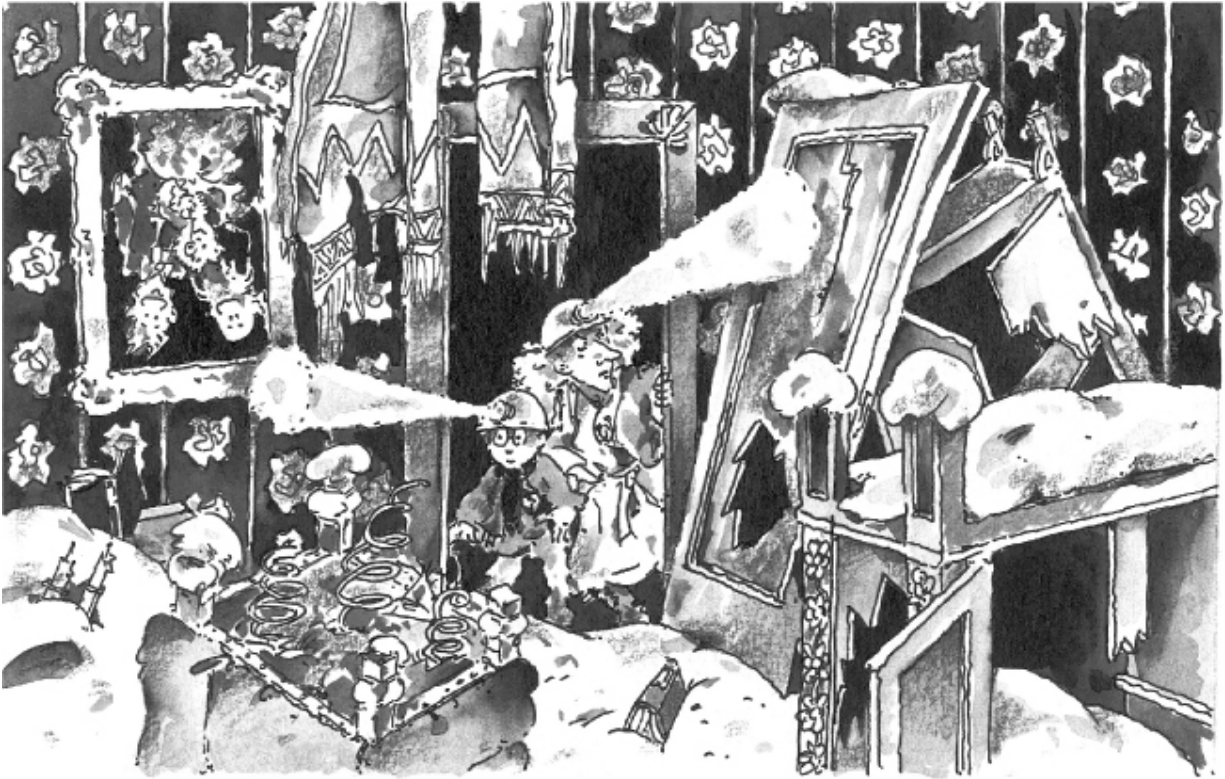
Quando Tom colocou o capacete, ele deslizou quase até seu nariz.

– Infelizmente, não tenho um menor – sussurrou a senhora Cidreira. – Tudo certo, então? Perfume de violeta? Sinalizador de FIR?

Tom fez que sim com a cabeça.

– Ótimo, então lá vamos nós!

Tom, de pernas bambas e com um resto da terra de cemitério no bolso da calça, seguiu a velha senhora escada acima. Eram quinze para as nove da noite. Quanto mais alto eles iam, mais frio ficava. Havia neve no último degrau da escada.



– Isto vem da respiração gélida do FIR – sussurrou a senhora Cidreira, e olhou em volta. Uma galeria percorria todo o grande saguão, passando por várias portas, separada do abismo apenas por um corrimão estreito. Com um tremendo mal-estar, Tom olhou para baixo. As trevas do saguão eram como um mar negro.

A senhora Cidreira se dirigiu para a esquerda e, andando bem de mansinho sobre o tapete coberto de neve, aproximou-se da primeira porta. Tom a seguiu. Seu sinalizador de FIR estava quente como pãozinho que acabou de sair do forno. A porta estava torta nas dobradiças. O cômodo atrás dela se encontrava inteirinho coberto de neve. Os móveis estavam quebrados e empilhados, e um tapete esfarrapado jazia pendurado no lustre.

– Belo trabalho! – sussurrou Tom.

Andaram de mansinho até a próxima porta. Ali atrás estava um quarto. Diante da janela congelada, havia uma cama, que parecia não ter ninguém dormindo há mais de cem anos. Mas nada de neve, só uma geada cobria os travesseiros. Ao lado da

cama, ficava um criado-mudo e, na parede, um gigantesco armário de espelho. Este não tinha nenhum arranhão.

– Ora, ora! – sussurrou a senhora Cidreira. – Se o FIR nos perseguir, o armário é um excelente esconderijo. É claro que aí dentro é um lugar extremamente desagradável. Não se esqueça desta porta, meu jovem amigo.

Tom fez que sim com a cabeça. Para ele, tudo ia ficando muito, mas muito perigoso.

Atrás da próxima porta não havia nada além de móveis destruídos, quadros invertidos e livros cheios de gosma. E o sinalizador de FIR de Tom ficava, a cada passo, mais frio.

Eles já tinham se afastado bastante da escada, quando, de repente, ouviram alguma coisa atrás da sétima porta. Um assombroso dedilhado no piano, acompanhado por um canto, arrancou-lhes lágrimas dos olhos.

“Looggo looggo eu vou chegaaar!

Looggo looggoo eu voou chechegaaaar

E todoss vou asssssusstadoramente asssssusssstaaaaar!”

Quase sem fazer barulho, eles se aproximaram da porta. Apenas a neve chiava um pouco embaixo de seus sapatos.

– Ei, espere! – sussurrou a senhora Cidreira, e enfiou na neve diante da porta um punhado de velas estrela de prata. Tom espiou pelo buraco da fechadura. O FIR, no mais claro bolor, estava sentado ao piano e martelava as teclas violentamente com seus dedos trepidantes. Sua cabeça estava diante dele, rugindo pavorosamente numa poltrona.

– Parece que o fantasma não vai sair daí agora – sussurrou Tom para a senhora Cidreira. – Ele até tirou a própria cabeça.

– Muito bem! – disse em voz baixa a senhora Cidreira. – Então eu vou dar uma rápida examinada nos outros cômodos, enquanto você fica aqui vigiando. Se o FIR sair antes de eu retornar, acenda imediatamente as velas estrela de prata e borriфе

perfume de violeta nele. Só use a terra de cemitério em caso de extrema necessidade! Eu vou me apressar! – em seguida, ela sumiu na escuridão.

“Mas, como conheço minha sorte”, pensou Tom, “ele com certeza vai sair já, já”. Com cuidado, ele se esticou por cima das velas estrela de prata e espiou novamente pelo buraco da fechadura. O FIR não estava mais sentado ao piano. Naquele instante, ele se divertia arremessando sua cabeça na fruteira. Mas, de repente, ele colocou sua cabeça novamente e, bamboleando, veio até a porta.

– Xiii! – murmurou Tom. – Estou danado! – com os dedos tremendo, enfiou a mão no bolso da calça e tirou a caixa de fósforos. Zisss!, a primeira vela estrela de prata espalhou sua ponta de luz na neve. Tom não continuou, pois o FIR não passou pela porta. Veio por detrás dele, através da parede. Assustado, ele esbugalhou os olhos sobre Tom. E soltou uma gargalhada. Uma gargalhada medonha que fazia tremer os braços e as pernas, bater os dentes e parar o coração. Para alcançar o armário de espelho, Tom teria de passar através do FIR, por isso acabou tomando outro rumo. Correu atrás da senhora Cidreira.



– Socorro! – ele gritou. – Socorro, senhora Cidreira! Ele vem viiiiiindo!

O FIR o seguiu, com uma asquerosa risadinha. Tom sentiu logo a respiração gelada na nuca. “Logo, logo, ele me congela”, pensou ele. “Logo.”

Mas nesse instante a senhora Cidreira veio correndo da escuridão ao encontro de Tom, levando em cada mão um enorme maço de velas estrela de prata aceso, que ela agitava impetuosamente no ar.

– O perfume de violeta! – gritou ela. – Rápido!

Boquiaberto, o FIR se manteve dentro, piscou irritado para as velas e torceu o nariz enjoado, quando Tom derramou o perfume em seu suéter.

– Baahhhh! Essse cheirro também não vai ajudddarrrr vocês! – uivou ele.

– E pior é que ele tem razão! – cochichou a senhora Cidreira no ouvido de Tom. Uma vela estrela de prata após outra ia se apagando. – Temos de usar a terra de cemitério restante para chegarmos ao armário de espelho. Mas jogue sempre bem pouco, bem pouco. – Ela disse em voz alta: – Você venceu, fantasma. Nós desistimos. Deixe-nos passar e abandonaremos a casa – enquanto falava, ela caminhou com passos firmes em direção ao assombroso FIR. Tom ia atrás dela, aos tropeços.

– Uuuuuiiiiiiii! – ribombou o FIR. – Issssso não vvvvvvou addddmitirrr!

Vup!, a senhora Cidreira atirou no dedo dele uma pitada de terra.

– Aiiii! – urrou o FIR, e retrocedeu, dando um passo vacilante.

Vup!, Tom lançou.

Passo a passo, xingando e uivando, o FIR retrocedia. Faltando duas portas até o quarto do armário de espelho, toda a terra de cemitério tinha acabado.

O FIR soltou uma gargalhada sarcástica. – Lá em baixxxxxxxxxxo! – suspirou ele. Seus dedos apontavam por sobre o corrimão, lá para o abismo negro. – Lá para baixxxxxxxxxxo eu vvvvou agora soprrrrraaar voccccccês!

Desesperado, Tom se agarrou ao corrimão.

– Uuuuuuaaaaaaaaaaaaa! – uivou ele sobre Tom, mas não era a voz do FIR. Era Hugo. Ele pegou Tom e a senhora Cidreira pela gola, ergueu-os além do corrimão e, carregando-os, flutuou às pressas dali.

– Hugo! – gritou Tom. – Hugo, de onde você surgiu?

– Nóos jáa terminamooooos! – sussurrou Hugo. – Tudo pronto!

Tão veloz como só um FMP consegue ser, ele voou até a cozinha. Um delicioso aroma de biscoitos veio ao encontro deles.

– O FIR! – gritou a senhora Cidreira. – Ele vem vindo!

O FIR tinha digerido o aparecimento surpreendente de Hugo e saído correndo atrás deles com um apavorante uivo de raiva.

No último segundo, Hugo cochichou através da parede da cozinha e se escondeu com Tom e a senhora Cidreira em cima do armário. Os bicos dos sapatos do senhor Encantador apontavam atrás da cortina.



– Brrrrrrrrrrrrrr! – o FIR adentrou correndo muito – parou abruptamente diante da assadeira de biscoitos que estava sobre a mesa da cozinha. Ele fungou, soltou uma gargalhada terrível e, com seus dedos trepidantes, enfiou de uma só vez uma enorme quantidade de biscoitos na gigantesca garganta.

– Um – murmurou a senhora Cidreira. O FIR arrotou e alisou com cuidado sua barriga. – Dois!

O FIR soluçou e ficou amarelo feito melão.

– Trrrrêeeess! – gritou a senhora Cidreira.

Glub!, fez o FIR, ficando do tamanho de uma mariposa. Tom não acreditava no que seus olhos viam.

– Viva! Funcionou! A terra de cemitério fez efeito! – gritou a senhora Cidreira. Ela quase caiu do armário, tal foi sua animação. – Rápido! Pegue-o, Hugo!

– Com praaaazer! – uivou Hugo, zuniu às pressas para o esvoaçante FIR, que estava atrás dele perto da porta, e o agarrou.

– Oh, foi maravilhoso! – gritou o senhor Encantador, radiante atrás da cortina.

– Aqui, Hugo, pega! – gritou a senhora Cidreira, e jogou pra ele alguma coisa que parecia um pote comum de geleia.

– Prenda o FIR aí dentro. E depois venha, por favor, buscar-nos aqui em cima!

– Que ruinnnnndade! – berrou o FIR, quando Hugo o fechou dentro do vidro. – Vinnngannççcaa! – mas sua voz pavorosa era somente um resmungo. Furioso, ele se agitou contra as paredes transparentes.

– Um vidro absolutamente especial para fantasmas! – disse a senhora Cidreira, enquanto Hugo tirava Tom e ela de cima do armário. – Querido senhor Encantador, seus biscoitos estavam excelentes!

O senhor Encantador ficou vermelho como uma cereja. – Tio Hugo me deu uma grande ajuda.

– Ora, o senhor tem de me passar a receita de qualquer jeito – disse a senhora Cidreira. – Para futuras expulsões de FIR.

– Pequenininho assim ele fica esquisito que só vendo – disse Tom, e deu uma gargalhada diante do pote de vidro. Furioso, o FIR atirou sua cabeça contra o vidro.

– Por enquanto, vou levá-lo para casa – disse a senhora Cidreira. – Amanhã, tomando uma bela xícara de chá, pensaremos no que fazer.

– Pra casa! Puxa vida! – gritou Tom, e olhou para o relógio. – Tá mais que na hora de eu ir pra casa da minha avó. Senão ela pode ficar preocupada.

– Eu levo voocê lá voaandoo – sussurrou Hugo. – Um presente de despediidaa.

– Oh, eu certamente virei visitá-lo de vez em quando – disse Tom –, se o senhor Encantador não se incomodar.

– Pelo contrário – disse o senhor Encantador. – Vou até preparar biscoitos bem especiais todas as vezes que você vier.

– Obrigado! – Tom, embaraçado, ajeitou seus óculos. – Aliás, Hugo poderia mesmo me fazer um grande favor...

– Ah, é? Que faavor? – perguntou Hugo, curioso.

– Ah, você sabe, eu tenho uma irmã mais velha – disse Tom – que não acredita em fantasmas. Você não poderia convencê-la do contrário?

– Sim, com imeensoo praaazeer! – disse Hugo, com um sorriso arrebatador. – Agora meesmo? Jáa?

Tom balançou a cabeça, bocejando. – Não, melhor na sexta-feira. Assim que escurecer. Bata na minha janela!

– Claaro, claaro! – Hugo, repleto de expectativa, esfregou o dedo gélido. – Sua irmã é muito medroosa?

– Oh, não – disse Tom –, mas tente assustá-la mesmo assim.



Sexta-feira era o dia em que os pais de Tom iam passear. Quase toda sexta-feira à noite, eles deixavam Tom sob os cuidados de sua dedicada e cuidadosa irmã mais velha. Com certeza, Lola preferia se encontrar com as amigas, que sempre estavam rindo à toa – e acabava despejando sua irritação em Tom.

Dessa vez, não foi diferente.

Logo que ficaram sozinhos, Lola se pôs ao telefone e contou para ao menos cinco amigas que ela tinha de tomar conta do pirralho do seu irmão idiota, infantil, tolo, porque ele tinha um medo tremendo de ficar sozinho.

Em seguida, ela falou, afetuosamente: – Infelizmente, o filme é para maiores de doze anos, maninho – e desligou a tevê diante do nariz de Tom. Arrancou então o chocolate que ele tinha ganho da avó, monitorou com a ampulheta o tempo que ele levou escovando os dentes e lhe concedeu a generosa permissão de ler ainda por uma hora na cama. Era a mesma coisa toda sexta-feira.

Mas desta vez, Tom não ficou ali rangendo os dentes, enquanto a televisão estava com o volume muito alto no quarto ao lado. Ele estava esperando Hugo.

Seu amigo fantasma chegou como o luar, sem fazer barulho, quando a escuridão já tomava conta do quarto de Tom, como um espesso nevoeiro. Hugo apenas flutuou através da parede.

– Oieeee! – falou, baixinho. – Aqui tô eu. Comoo tinha prometido.

– Ela está ali na sala – murmurou Tom, e se levantou. – Venha, eu te levo.

Em silêncio, ele abriu a porta do quarto e saiu para o corredor, bem devagar. Hugo flutuava atrás dele, zunindo baixinho.

A porta da sala estava entreaberta. Lola sempre fazia isso, para que Tom pudesse ouvi-la rindo diante da televisão.

– E então – cochichou Tom –, tudo conforme combinamos, certo?

– Siiiiim! – exclamou Hugo, com gosto. E desapareceu através da porta. Tom se virou, disparou de volta para seu quarto, acendeu a luz e se atirou na cama.



De repente, a televisão ficou muda. No lugar dela, soou um grito pequeno e agudo – e, no instante seguinte, Lola se precipitou pálida e cambaleante para o quarto de Tom. Ela, rapidinho, trancou a porta e se recostou nela.

– Poxa, mas o filme deve ser empolgante – disse Tom, e arrumou devidamente os óculos. – Eu pensei que fosse só um faroeste.

Lola respirava com dificuldade. – Um fan... u... um fantasma está sentado no sofá! – grasnando, ela balbuciou.

– Ah! É um desses fantasmas que não existem? – perguntou Tom, desinteressado. – Mande lembranças minhas pra ele.

– Deixe suas gracinhas pra lá! – bufou. – A fera é enorme! Ele... ele devorou o chocolate, gemeu e revirou os olhos.

– Hum, tá bom – disse Tom, cada vez mais compenetrado em seu livro. – Os fantasmas não são realmente muito educados. Mas, afinal, você mesma também já devorou meu chocolate. Acho que no armário da cozinha tem ainda uma barra.

– O quê... mas que cretinice é essa que você está falando? – falou Lola, ofegante. – É um fantasma! Não entendeu ainda, oh anão? Um fantasma de verdade. Ele estourou as lâmpadas e deixou todas as coisas cheias de gosma. Temos de chamar a polícia!

– Muito engraçado. Talvez a polícia deva algemá-lo? – Tom deu uma risadinha.

– Seu idiota! Não tem graça nenhuma! – berrou Lola.

Suspirando, Tom fechou seu livro. – Qual é exatamente o tamanho dele?

– É gigantesco! – exclamou Lola. – Ele bamboleou até o teto.

– Ora, ora, então se trata de um exemplar razoavelmente pequeno – disse Tom. – Abra a porta de novo. Quero dar uma olhada.

– O quê? Você ficou maluco?

– Você é que é maluca de achar que fantasmas se assustam com portas fechadas. Eles simplesmente atravessam as portas.

Apavorada, saiu de perto da porta. Tom passou perto dela com um sorriso piedoso e abriu a porta. Decidido, ele caminhou até o cômodo escuro. Hugo estava sentado piscando em azul e verde na poltrona de Lola, saboreando o chocolate.

– Você está vendo o fantasma? – murmurou Lola. Com uma leve batida de dentes, ela espiou por cima dos ombros de Tom. – Não... não... é a... apa... apavorante?

– Nem tanto. É um Fantasma Medianamente Pavoroso. Sem problema.

– O quê? Do que você está falando?

– Psiiu! – Tom pigarreou. – Ei, fantasma – ele falou em voz alta. – Suma daqui, você tá ouvindo? E, por gentileza, deixe minha irmã assistir à televisão em paz.

– Uuaaauuuu! – uivou Hugo, empertigou-se ameaçadoramente e esticou os dedos gélidos em direção às crianças. Ele fez tudo de modo deslumbrante.

Lola, gritando, foi para seu quarto.

– Excelente! – murmurou Tom. E gritou tão alto que Lola conseguiu escutá-lo: – Você não precisa se gabar tanto! Talvez você consiga assustar minha irmã, mas não a mim. Suma daqui, senão eu mesmo vou te expulsar de um jeito que você não vai querer mais assombrar ninguém.

– Aaaaaaaaiiiii! – gemeu Hugo e, virando-se para Tom, deu uma risadinha de cumplicidade. – Uauuuuu!

– Tudo bem! – gritou Tom. – Vou te alertar uma última vez. Digo apenas: violeta! Cemitério! Espelho!

– Aiiiaiii! – Hugo urrou, apavorado.

– Suma! – gritou Tom mais uma vez. – Já!

Com um suspiro cortante e um aceno amigável, Hugo flutuou, atravessando a janela.

– Atée mais, meuu amigoo! – bafejou ele. Em seguida, desapareceu noite afora.

O silêncio voltou a tomar conta da sala.

A televisão piscava, muda.

Lola, receosa, colocou a ponta do nariz para fora do quarto.

– Você já pode sair – disse Tom. – Ele já foi embora.

Sem acreditar, Lola espiou para dentro da sala. Daí ela cravou, pasmada, os olhos no irmãozinho.

– Você... você conseguiu mesmo expulsá-lo.

Tom deu de ombros. – Não foi tão difícil assim. Boa noite!

A televisão parou de piscar, e, na tela, apareceu um bando de caubóis caçando e atirando violentamente.

– Você não quer assistir a um pouco de tevê comigo? – perguntou Lola. Atrás do sofá, apreensiva, ela espreitava. – O filme é muito legal, e eu não vou dizer nada pra mamãe.

– Não, obrigado – disse Tom, bocejando. – Acho filme de faroeste muito chato.

Depois, ele foi para o quarto. Soltou um suspiro profundo, sentou-se no parapeito da janela e olhou para a lua.

“Esta é a melhor noite da minha vida”, ele pensou. “A melhor de todas.”

Lola nunca mais chamou Tom de pirralho idiota e tolo. As noites de sexta-feira se tornaram extremamente agradáveis, pois ela, de repente, passou a detestar assistir à tevê sozinha. E ela nunca mais meteu a mão no chocolate de Tom. Em resumo, Lola se tornou uma suportável irmã mais velha.

E o que aconteceu com os outros heróis da história?

Ora, a senhora Cidreira passou a dar algumas palestras interessantíssimas sobre a expulsão de FIRs extremamente perigosos, e começou a receber com mais frequência a visita do senhor Encantador, para tomarem chá juntos. Ele vendeu sua receita de biscoitos para uma grande fábrica – é claro que sem a terra de cemitério –, com o nome de “beijinhos de fantasma”, que se tornaram biscoitos muito famosos.

Hugo continuava assombrando, alegre e satisfeito, em seu antigo casarão.

Mas o FIR... Ora, este ainda continuava no pote de vidro sobre a prateleira da senhora Cidreira, pois ninguém tinha a menor ideia do que poderia lhe acontecer. Antes, ele bamboleava furioso lá dentro, mas, nos últimos tempos, quase dava a impressão de que iria voltar a crescer...

Relação de siglas do caçador de fantasmas

ACC	Armadilha de Contato e Compressão
AHF	Aparição Histórica de Fantasma
CCCCF	Comissão Central da Campanha Contra Fantasmas
CEP	Cães de Espírito Preto
CNN	Cinto de Neutralização Negativa
EAL	Espírito de Água Lamacenta
EBF	Espírito de Batida Fedorenta
EC	Eva Cidreira
EFH	Espírito com Forma Humana
EMM	Espírito de Mordida Miúda
EVN	Espírito Vapor Nublado
EPM	Espírito Pálido Molenga
FBP	Fantasma de Brejo e Pântano
FIR	Fantasma Inacreditavelmente Repugnante
FFC	Formador de Figura de Cerração
FMP	Fantasma Medianamente Pavoroso
FPN	Fantasma com Passado Negro
FTI	Fantasma Totalmente Inofensivo
HODECF	HOspital para DEsassombrar os Caçadores de Fantasmas
IPCF	Instituto de Pesquisa para a Campanha contra Fantasma
MEF	Medidor de Energia de Fantasma
PNAF	Projeção Negativa de Aparição de Fantasma
QDCF	Quinto Diploma de Caçador de Fantasmas
RCV	Redemoinho de Calça Ventania
RTRAF	Relação de Todos os Registros de Aparições de Fantasmas

SCCCFF	Secretaria da Campanha Contra o Castelo e a Fortaleza de Fantasma
SDCF	Segundo Diploma de Caçador de Fantasma
SDF	Simulador de Disfarce de Fantasma
SRAF	Secretaria para o Recenseamento de Aparição de Fantasma
TDCF	Terceiro Diploma de Caçador de Fantasma
TIER	Terrível e Invencível Espírito Relâmpago



Cornelia Funke nasceu em Dorsten, Alemanha, em 1958. Estudou pedagogia em Hamburgo e, na mesma cidade, também concluiu o curso de ilustração de livros na Faculdade de Artes e Produções Gráficas. Desde 1987, ela só escreve e ilustra livros infantis e infantojuvenis.

Ela está entre as mais conhecidas e queridas autoras de livros infantis e infantojuvenis. É autora do aclamado O cavaleiro do dragão e da trilogia Mundo de tinta (já publicados no Brasil). Recebeu inúmeros prêmios e distinções – o que mostra não só o encantamento que seus livros provocam, como também que são lidos por pessoas de todas as idades. Quase todos os seus livros são ilustrados por ela mesma.

Publicado originalmente na Alemanha, em 1993, por Loewe
Verlag GmbH,

sob o título *Gespensterjäger auf eisiger Spur*.

Copyright do texto e das ilustrações © Cornelia Funke, 1993

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta obra, protegida por copyright, pode ser
reproduzida,
armazenada ou transmitida de alguma forma ou por algum meio,
seja eletrônico
ou mecânico, inclusive fotocópia e gravação, ou por qualquer
outro
sistema de informação, sem prévia autorização por escrito da
editora.

Tradução: José Feres Sabino

Revisão: Karina Danza e Juliana Amato

Revisão do ePub: Cristiane Pacanowski

Produção digital: [Hondana](#)

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

F978c

Funke, Cornelia Caroline, 1958–

Os caçadores de fantasmas : atrás de uma pista fria
[recurso eletrônico] / texto e ilustração Cornélia Funke ; tradução
José Feres Sabino. – 1. ed. – São Paulo : Escarlata, 2013.

128 p., recurso digital : il.

Tradução de: *Gespensterjäger auf eisiger Spur*

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-66357-69-1 (recurso eletrônico)

1. Ficção infantojuvenil alemã. 2. Livros eletrônicos. I. Sabino, José Feres. II. Título.

13-04486

CDD: 028.5

CDU: 087.5

23/08/2013 27/08/2013

Este livro segue o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Direitos reservados para todo o território nacional pela
SDS Editora de Livros EIRELI

Rua Mourato Coelho, 1215 (Fundos) – Vila Madalena – CEP:
05417-012

São Paulo – SP – Brasil – Tel./Fax: (11) 3032-7603

www.edescarlate.com.br – edescarlate@edescarlate.com.br



TOCA DA CORUJA
www.tocadacoruja.net